

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL

TERESINHA LUNKES STEIN

**UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E OS GRUPOS DE
MULHERES RURAIS**

SÃO FRANCISCO DE PAULA-RS

2011

TERESINHA LUNKES STEIN

**UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E OS GRUPOS DE
MULHERES RURAIS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof^a. Mestre Cléia Margarete Macedo da Costa Tonin

Co-orientador Prof. Mestre João Daniel Dorneles Ramos

SÃO FRANCISCO DE PAULA

2011

TERESINHA LUNKES STEIN

**UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E OS GRUPOS DE
MULHERES RURAIS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado com Conceito (_____)

Prof^a. Mestre Cléia Margarete Macedo da Costa Tonin
Instituto Federal Farroupilha – Campus São Vicente do Sul

Prof. Mestre João Daniel Dorneles Ramos
UFRGS

Prof. Dr. Fábio de Lima Beck
UFRGS

Porto Alegre, 26 de agosto de 2011.

*Ao meu esposo, José e aos meus filhos,
Alexandre, Ana Cristina, Ângela e Renan,
pelo constante apoio e incentivo.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente faço um agradecimento muito especial aos Professores, orientadora Mestre Cléia Margarete Macedo da Costa Tonin e co-orientador Mestre João Daniel Dorneles Ramos, pela competência com que me ajudaram a dar um direcionamento seguro desde o início desse trabalho, pela excelente orientação, sensibilidade e apoio.

A professora Doutora Gladis Falavigna, que muito me ajudou a dar os primeiros passos na definição do tema a ser pesquisado, pela sua dedicação e pela amizade.

Aos meus queridos, esposo José e filhos Alexandre, Ana Cristina, Ângela e Renan, a minha irmã Bernadete e a todos os familiares e amigos, os de perto e os que mesmo distantes, sempre estiveram me incentivando e dando apoio, durante o curso e no desenvolvimento desse trabalho.

A Marione Marques, pela amizade, incentivo e pela grande ajuda na revisão dos textos desse trabalho.

Aos meus colegas da EMATER, Luiz Messias e Valmor, os quais, com sua vasta experiência na extensão rural, muito contribuíram para o enriquecimento e ampliação dos meus conhecimentos, tanto no transcorrer do curso, como na realização desse trabalho.

As mulheres, minha “alunas”, por terem aceitado colaborar com essa pesquisa, pela troca de conhecimentos e amizade que me proporcionaram no dia a dia da extensão rural.

A todos que de alguma forma contribuíram para que esse trabalho se concretizasse, a todos os professores do Plageder, tutores do Pólo e tutores à distância pelo apoio e orientação durante o curso, aos meus colegas de curso, pelas constantes ajudas, amizade e companheirismo.

Por fim, também sou grata ao poder público, a UFRGS e prefeitura de São Francisco de Paula, pela consolidação do Projeto UAB / convênio de instalação do Pólo de EAD, que tornou possível a realização de um sonho, a realização de um curso superior, de qualidade e gratuito.

RESUMO

O presente trabalho trata da organização de Grupos de Mulheres Rurais, no município de São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, direcionando a atenção ao problema relacionado à Educação no campo – educação Não Formal das mulheres rurais, desenvolvida pela Empresa de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul / Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural, a EMATER-RS / ASCAR. A monografia teve como objetivo, entre outros, analisar a forma de organização experimentada pelos grupos de mulheres, focando as atividades realizadas, as dificuldades e as sugestões. O planejamento da pesquisa deu-se a partir da preocupação da discente, que atua como Extensionista Social Rural, através da Extensão Rural Pública - EMATER, no município supracitado. Esse estudo pretende chamar atenção sobre a importância da educação não-formal no meio rural, sobretudo quando se discute desenvolvimento rural. Aplicou-se um questionário entre mulheres participantes de todos os grupos do município e dessa investigação registraram-se os resultados através de um “censo” maior. No entanto, aprofundou-se a análise sobre a organização de um dos grupos e seus resultados discutidos e relacionados à percepção dos demais grupos. O estudo empírico, por meio de observações diretas e vivenciais junto aos grupos, permitiu identificar algumas atitudes como as posturas dialógicas, o refletir sobre a própria realidade, o exercício da livre expressão de opiniões e a tomada de decisões corajosas em busca de transformação, que mostram que houve um avanço no processo de educação das mulheres rurais. Sugere, também, cada vez mais, a educação não formal, através de processos organizativos autônomos, como um dos elementos estratégicos para o desenvolvimento rural. A estratégia de trabalho que apóia a formação e participação da mulher em processos organizativos, precisa ser ampliada e fortalecida, fazendo-se necessário a presença de maior número de extensionistas, que tenham uma constante postura reflexiva sobre a sua ação pedagógica, de modo que possibilite assumir com lucidez: a convivência, a crítica e a recriação social.

PALAVRAS-CHAVE: Educação não formal. Grupos de mulheres. Participação. Organização. Capital social. Desenvolvimento local.

ABSTRACT

The present work describes the organization of rural women's groups in the city of San Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, directing attention to the problems related to education in non-formal education field of rural women, developed by the Agricultural Extension Service. The monograph was aimed, among others, examine how the organization experienced by the group of women, focusing on activities, difficulties and suggestions. The research design was given from the student's concern, which acts as Rural Social extension through the company's Agricultural Extension Service, Emater-RS / Ascar, the above-mentioned city. Thus, this study aims to call attention to the importance of non-formal education in rural areas, especially when discussing rural development. We applied a questionnaire among women participants in all groups of the city and those results were registered through a larger "census", however, the organization studies one of the groups were deepened and their results were discussed and related the perception of other groups. The empirical study, in the course of direct and practical observation groups identified a number of attitudes and dialogical postures reflect on the reality itself, the exercise of free expression of opinions and decision making in brave pursuit of transformation, showing that there have been advances in the education of rural women. It also suggests, increasingly, non-formal education through autonomous organizational processes as a strategic element for rural development. The working strategy that supports the formation and participation of women in organizational processes, needs to be expanded and strengthened, making it necessary the presence of greater numbers of extension workers, who have a constant reflective stance on their pedagogical action, so enabling take lucidly: coexistence, critique and social recreation.

KEYWORDS: Non formal education. Women's groups. Participation. Organization. Social capital. Local development.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
EMATER-RS/ASCAR	Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural / Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural.
EMBRATER	Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
MEC	Ministério da Educação e Cultura
SMEC	Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Grau de escolaridade das mulheres rurais que responderam o questionário.....	23
Figura 2: Faixa etária das mulheres que responderam o questionário	24
Figura 3: Mapa do Município – Destaque: Colônia Itagiba	28
Figura 4: Imagem Via Satélite da Colônia Itagiba	31
Figura 5: Faixa etária das associadas do Grupo de Mulheres Raios de Sol de Colônia Itagiba.....	35
Figura 6: Escolha da Mulher Rural Destaque - Encontro M. Mulheres Rurais-Cedro.....	37
Figura 7: VIII Encontro M. Mulheres Rurais Samambaia.....	37
Figura 8: O grupo Raios de Sol, assumindo perante o grande grupo, o seu Desafio de “Lutar por Mais vida na Comunidade”	38
Figura 9: Reunião de planejamento	39
Figura 10: Realização do primeiro Bingo	39
Figura 11: Mutirão de limpeza no Pátio da Igreja e Comunidade.....	40
Figura 12: Almoço “ Kerb” de Sto. Antônio de Colônia Itagiba	40
Figura 13: O salão velho de Colônia Itagiba.....	41
Figura 14: Salão novo de Colônia Itagiba em construção.....	41
Figura 15: Grupo Raios de Sol organizando o Almoço de Pré-Inauguração	42
Figura 16: Vista interna do salão novo de C. Itagiba com presença de grande público, no 1º Almoço	42
Figura 17: Mulher Destaque do Grupo Raios de Sol - Tema: Cultura alemã – V Encontro M. de Mulheres Rurais – Recosta	48
Figura 18: Apresentação do “Desafio” do Grupo, Raios de Sol - VI Enc. M. Mulheres Rurais – Juá	48
Figura 19, 20 e 21: Colônia Itagiba na Festa do Pinhão, edição 2010 e 2011	49
Figura 22: Poda e tratamento de inverno em pomar	51
Figura 23: Oficina de preparo de conservas	51
Figura 24: Oficina de plantas medicinais	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 EDUCAÇÃO NO CAMPO E CONTEXTO DE PESQUISA	18
1.1 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL	19
1.2 CONTEXTO DE PESQUISA	22
2 BREVE HISTÓRICO DE SÃO FRANCISCO DE PAULA E A CONTEXTUALIZAÇÃO DO GRUPO DE MULHERES RAIOS DE SOL.....	28
2.1 COLÔNIA ITAGIBA - CONTEXTO DO GRUPO RAIOS DE SOL	30
2.1.1 Evolução dos sistemas agrários de Colônia Itagiba	32
2.2 A ORGANIZAÇÃO DO GRUPO DE MULHERES RAIOS DE SOL	34
2.3.1 A percepção das mulheres sobre o seu grupo	37
3 A EXTENSÃO RURAL EM SÃO FRANCISCO DE PAULA E AS AÇÕES SOCIAIS	44
3.1 EXTENSÃO RURAL PÚBLICA EM SÃO FRANCISCO DE PAULA	46
3.2 RELAÇÕES EMATER E GRUPOS DE MULHERES.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXOS	61
ANEXO I – Modelo questionário aplicado com mulheres integrantes de todos os grupos e resumo dos dados.	62
ANEXO II – Modelo questionário, questões abertas, aplicado em todos os grupos e resumo dos dados.	66
ANEXO III - Entrevista com 3 integrantes do Grupo de Mulheres Raios de Sol de Colônia Itagiba.....	69
ANEXO IV - Entrevista com extensionista	73

INTRODUÇÃO

A temática que deu origem a esse trabalho é o processo organizacional e as atividades educativas desenvolvidas com grupos de mulheres trabalhadoras rurais, ou seja, ações de educação não formal que se desenrolam no contexto agrário da região serrana do Rio Grande do Sul e as suas implicações no desenvolvimento rural. Quando se debate desenvolvimento rural, um dos fatores considerado fundamental é a educação no campo. A discussão sobre a situação da Educação no Campo no Brasil, no entanto, foi intensificada recentemente, a partir da Primeira Conferência Nacional por Uma Educação Básica do Campo, realizada em 2002, em Brasília, organizada pela Comissão representativa dos Movimentos sociais. Constatou-se neste momento, entre outros problemas, a falta de escolas e de infraestrutura, a existência de muitos docentes sem a qualificação adequada, os currículos descontextualizados e também verificou-se que no meio rural está o mais elevado índice de analfabetismo entre mulheres¹. No documento construído na Conferência, entre várias reivindicações, consta:

Esse caderno “*Por Uma Educação do Campo*”..é para deixar mais claro que a educação que queremos vai além do final do ensino médio e também dos limites da escola formal. A luta, portanto, continua e cada vez mais intensa alargando os horizontes e obtendo conquistas bem substanciais (KOLLING et al, 2002, p. 7)²

Para compreender a importância da educação não formal na zona rural do município de São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, faz-se necessário conhecer a realidade em que se insere e relacionar com a situação da educação formal existente na área rural do município. O isolamento das comunidades e o distanciamento das propriedades são algumas das maiores dificuldades enfrentadas pelas famílias rurais. Somam-se a esse problema, as distâncias da sede do município e a precariedade de estradas e acessos, pois a cidade de São Francisco de Paula localiza-se num ponto extremo do município, do qual a maioria das comunidades dista, em média, 80 quilômetros. Isto compromete e limita a presença e eficiência do poder público, sobretudo a educação do meio rural - como ações com o transporte escolar, merenda escolar, apoio e coordenação pedagógica etc. As escolas rurais são em sua grande maioria, estaduais, e pelos motivos citados anteriormente, carecem de infraestrutura e apoio em geral. Existem

¹ Documento que apresenta uma análise da educação no meio rural Disponível em: <http://www.contag.org.br/imagens/f301Elaboracao_das_%20Diretrizes_%20Educacao_do%20Campo.pdf> Acesso em: 14 nov.2009.

²Kolling et al, 2002 Disponível em: <<http://www.forumeja.org.br/ec/files/Vol%204%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20do%20ampo.pdf>> Acesso em: 14 nov.2009.

evidências de que o currículo dessas escolas dissemina a cultura urbana, como também há o despreparo dos docentes para dar conta de um currículo contextualizado. Sem contar que em muitas localidades as escolas foram fechadas e seus alunos transferidos para escolas nucleadas nos distritos ou para a cidade. Assim, os filhos dos agricultores desde cedo sendo deslocados de suas comunidades, poderão ser deseducados para viver no campo, perdendo sua identidade de raiz e seu projeto de futuro, sem a oportunidade de ver valorizada a sabedoria de seus antepassados.

O poder público municipal tem se esforçado para melhorar esse quadro. A administração Municipal de São Francisco de Paula através da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto, implantou o projeto Universidade Aberta do Brasil (UAB) criado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 2005, uma parceria do MEC/Secretaria de Educação à Distância, das Instituições de Ensino Superior Federais e, no caso de São Francisco de Paula, da Prefeitura Municipal. Neste Polo de Educação à Distância, um dos cursos inovadores disponíveis é o Curso de Pedagogia do Campo, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), já planejado dentro das demandas da normativa para Educação do Campo, atualização de 2008, como uma importante ferramenta disponibilizada para a formação dos educadores, na construção de uma educação diferenciada para o campo.

A Secretaria Municipal de educação também está colocando em prática, através de um projeto específico para a escola do campo – o “Programa Escola Ativa”, implantado em 2008, em parceria com o MEC. A formatação dessa idéia está sendo desenvolvida com os 300 alunos, das 11 escolas municipais da área rural do município de São Francisco de Paula. Através desse programa, recebem orientação pedagógica, material pedagógico, laboratório de informática, livros, materiais e jogos didáticos. O projeto já tem apresentado bons resultados, evidenciados na avaliação do índice de alfabetização dos alunos, através da Provinha Brasil (SMEC, 2011).

Já a Educação não formal como conceito passou a ser estudada e a ser observada como uma forma de educação a partir de 1960, e a primeira publicação brasileira considerando essa questão foi publicada em 1992, por Carlos Alberto Torres. Não obstante, sendo formas educacionais exercidas há muitos anos, a educação social, a educação popular e educação sócio comunitária ainda são modalidades educacionais pouco estudadas, por estarem sendo construídas na prática, serem de caráter interdisciplinar e apresentar profissionais provenientes de distintas áreas como Pedagogia, Nutrição, Assistência Social, Saúde, Psicologia, Terapia Ocupacional, Ciências Sociais, etc.

Também de acordo com Jaume Trilla (1996), a educação não formal como conceito, surge no período (1960), em que são amplas as discussões em relação ao sistema de ensino formalizado e família, sendo estas duas instituições alvo de inúmeras críticas, de diversos setores da sociedade, pela incapacidade de responder às necessidades educacionais. É neste período que a educação não formal passa a ser observada como área do conhecimento pedagógico e passou a ser entendida como válida, assim como outras formas de fazer educação.

Segundo afirmações de alguns pensadores, educação não formal é aquela que fica à margem do organograma do sistema educativo graduado e hierarquizado. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), define como educação não formal aquela que inclui atividades ou programas organizados fora do sistema escolar, porém dirigidos por objetivos educacionais definidos. (UNESCO, 1977, p. 84)

As idéias de educação não formal, influenciadas por questões sociais, porém, já eram propostas anteriormente pela educação libertária dos anarquistas, disseminadas por imigrantes italianos e espanhóis em organizações sindicais operárias, no início do Século XX. Gallo e Moraes (2007) também constataram que os anarquistas acreditavam que a escola formal impedia a emancipação dos trabalhadores, mantinha o povo na ignorância para ser melhor explorado e dominado. Anarquistas contestavam o sistema capitalista, os valores burgueses, primavam pela solidariedade e pela radical liberdade do indivíduo na gestão de sua própria vida. Para que fosse possível divulgar suas idéias e politizar o operariado - que em sua grande maioria era analfabeto, criaram espaços educativos próprios, as escolas proletárias. Estas foram espalhadas pelo Brasil, com uma pedagogia inspirada na Escola Moderna de Barcelona, que colocava o aluno como centro do processo educacional e o professor com a função de problematizar a realidade, com um currículo contestador e atividades muito além da sala de aula (GALLO e MORAES, 2007)³.

Outra referência importante em educação não formal é a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire. Está ligada aos processos de alfabetização de adultos e outros movimentos sociais. É um método educativo permeado de cultura popular, conscientização e politização, que nos anos 1970, ultrapassou fronteiras e atingiu toda a educação, sempre com o conceito básico de que não existe uma educação neutra. Segundo a visão de Freire, toda a educação é, em si, política. Uma pedagogia que conscientiza as contradições do mundo humano, que

3 Anarquismo no currículo e Pedagogia Anarquista com Gallo e Moraes. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=2557>> Acesso em: 30 abr. 2011.

estimula o indivíduo a questionar, a dizer sua palavra e a agir na transformação da realidade são princípios dessa teoria.

Dessa maneira este trabalho de conclusão de curso foca na análise de uma educação não formal desenvolvida com grupos de mulheres, que acontece num cenário enraizado por uma cultura conservadora, com herança de reflexos sociais e econômicos que remontam ao tropeirismo e à forma de ocupação e exploração da terra e que por muitos anos teve a predominância de grandes extensões de terras. Uma estrutura que permitia aos pecuaristas obterem uma renda satisfatória com o sistema de criação de gado realizado de forma extensiva e que não difundia outras atividades agrícolas. Fato que acabou por se tornar um fator limitante do desenvolvimento, principalmente com o fracionamento das propriedades e a complexidade das influências da globalização. Um cenário que pode ser associado às considerações feitas por Bandeira (1994, p.19), quando este se refere aos estancieiros da região sul do Rio Grande do Sul a serem considerados “atrasados e pouco propensos a inovações”.

Pelos fatores histórico-culturais, a fragilidade das organizações comunitárias, a baixa rentabilidade da agricultura, principalmente da pecuária (a renda é pouca em relação à área) e outros fatores já mencionados, acontece a pouca participação social dos serranos e principalmente das mulheres, a falta de acesso à cultura, às informações e ao lazer, que acabam marginalizando a mulher serrana.

Neste cenário é que se analisou o processo de educação e organização da mulher rural. Diante desse quadro, a Extensão Rural Pública do município de São Francisco de Paula, através de seu reduzido número de extensionistas, de maneira estratégica, priorizou ações com grupos, como associações de agricultores e os grupos de mulheres, que são maioria. São grupos informais, porém, possuem: Estatuto e Regimento Interno construídos por eles, têm suas diretorias e realizam reuniões mensais quando são assessorados por extensionista rural, outras vezes por profissionais de outras áreas, como da saúde, por exemplo. Esses grupos funcionam com uma relativa autonomia e determinam os temas/atividades de seu interesse a serem desenvolvidas. Desde 2004, realizam anualmente o Encontro Municipal de Mulheres Rurais, que sempre é sediado por um dos grupos, escolhido no dia do encontro. É um dia organizado por elas e com elas, no qual participam os grupos organizados e alguns poucos convidados. É um dia de reflexão, cultura e lazer, quando socializam suas experiências - os “Desafios”⁴, confraternizam e se integram mulheres de todos os recantos do município.

4 Projetos comunitários protagonizados pelos grupos de Mulheres nas comunidades rurais de S F Paula, EMATER- SFP

Assim, a educação informal do campo tem se desenvolvido em vários lugares através de programas, de práticas comunitárias, de experiências pontuais, que tem sido uma marca de resistência, mas que necessita ser ampliada, dentro de uma visão geral de desenvolvimento. Avaliando os conceitos acima descritos, pode a organização de grupos de mulheres e as atividades desenvolvidas a partir deles, ser compreendidas como uma forma de educação transformadora?

Tendo por referência esse questionamento, investigou-se a questão da educação não-formal, a partir de uma análise dos grupos de Mulheres Rurais buscando compreender, enquanto objetivo geral, como esse modo organizacional está contribuindo para uma forma de educação transformadora e de desenvolvimento local.

Realizou-se um “censo” com catorze grupos de mulheres residentes na zona rural do município de São Francisco de Paula e, de forma focada foi analisada a organização experimentada pelo grupo de Mulheres “Raios de Sol” de Colônia Itagiba, buscando compreender o processo de educação ali existente.

Dessa forma, ao analisar os elementos e subsídios que caracterizaram essas atividades, especificamente, pretendeu-se: Analisar como foi organizado o grupo de mulheres mencionado acima; identificar como e quais ações foram propostas para os encontros; avaliar a formação e a postura dos profissionais que desenvolveram atividades com o grupo, buscando compreender como aconteceu a participação das mulheres no desenvolvimento da comunidade de Colônia Itagiba, a partir da sua organização, das atividades desenvolvidas na mesma e com toda a comunidade. Alguns resultados dessa análise foram brevemente relacionados aos outros grupos de mulheres existentes no município.

As questões fundamentais que nortearam essa pesquisa foram: Como e quais metodologias pedagógicas foram utilizadas no trabalho com grupos de mulheres? Qual foi a percepção das mulheres em relação a esse trabalho? Que resultados esse trabalho proporcionou? Qual é a formação e a postura dos profissionais que atuaram como educadores/mediadores dos grupos de mulheres do campo?

Uma das justificativas para a escolha do eixo temático, Educação no Campo, como proposta de pesquisa, é o sentimento de inquietação da discente, que por ser professora – Extensionista Social Rural no município de São Francisco de Paula questiona-se constantemente frente aos grandes desafios e mudanças que vem ocorrendo no espaço rural. Também acredita-se que esse trabalho com mulheres é fundamental, porque se faz necessário

discutir a educação das mulheres, rever as práticas educacionais e os valores tradicionais atribuídos a homens e mulheres e nisto, os resultados da pesquisa apontam alguns caminhos.

Acredita-se também que a organização de grupos pode propiciar um espaço favorável para desenvolver “capital social”, sobretudo onde ele não existe. Como explica Coleman (1990, p.302) o capital social consiste em algum aspecto de uma estrutura social, que facilita algumas ações dos indivíduos que fazem parte dessa estrutura, que torna possível atingir objetivos que não seriam possíveis fora dessa organização social.

Com esse trabalho pretendeu-se compreender como tem acontecido e quais resultados tem apresentado as ações pedagógicas de intervenção desenvolvidas pela Extensão Rural Pública, sobretudo, através de formas organizativas de mulheres rurais. Acredita-se que um educador deve constantemente buscar o aprofundamento dos estudos na sua área de atuação, daí surgiu mais uma motivação para analisar as atividades da pedagogia desenvolvida com grupos de mulheres, já com o propósito de preparar os estudos de pós-graduação. Ainda moveu-se por convicções profissionais e sócio educacionais, pela possibilidade de obter análises dos resultados da pedagogia desenvolvida com esses grupos, estudos que poderão contribuir na investigação de respostas para os problemas de intervenção com a dependência de mediadores sociais.

Ao realizar essa investigação, também acreditou-se serem esses estudos uma contribuição para uma compreensão mais aprofundada do trabalho da extensão rural com mulheres, da sua importância como uma forma educacional e de desenvolvimento local. Essa pesquisa aqui desenvolvida também foi impulsionada por uma razão científica, a de disponibilizar esta pesquisa para o universo acadêmico, com o intuito de que outros pesquisadores e estudiosos aprofundem a temática.

Esta pesquisa também analisou o processo de inclusão das questões de gênero nas políticas brasileiras implementadas pela Extensão Rural, identificando as formas de engajamento junto às populações com que trabalha. Para tanto, selecionou-se como unidade de análise o trabalho de extensão rural desenvolvido pela Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural / Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural. (EMATER-RS/ASCAR), que opera como um dos principais instrumentos do Governo do Rio Grande do Sul no setor rural do estado, sobretudo para desenvolver ações de extensão rural junto aos agricultores familiares. Assim, esse trabalho também faz uma reflexão sobre a formação dos técnicos que atuaram como educadores.

Parte da pesquisa foi feita por observação, com o objetivo de analisar o comportamento das mulheres em situações rotineiras nas atividades dos grupos, modo de se

relacionar, de se organizar, demonstrações de sentimentos e atitudes. Conforme Lino (2010, p. 32), o método de observação possibilita obter informações que de outro modo seria difícil de obter, ou por que as pessoas não desejam informar ou por serem incapazes de fazê-lo.

Este estudo de caso incorporou resultados de questionários, entrevistas qualitativas nominais e revisão bibliográfica, com objetivos de identificar e analisar a forma organizacional dos grupos de mulheres. Foi realizado no período de janeiro a junho de 2011, e em um primeiro momento apresenta de modo geral, um “censo” sobre o trabalho de educação não-formal realizado com os catorze grupos de Mulheres Rurais do município de São Francisco de Paula. Para compreender melhor esse processo, foi aplicado um questionário semi estruturado, com questões abertas e fechadas, com um total de 57 mulheres participantes de todos os grupos. A participação das mulheres foi de livre adesão, sendo que as questões foram respondidas individualmente. Complementam essa análise, apreciações empíricas, concluídas através de conversas informais, observações diretas e vivenciais nas atividades de extensão rural, como reuniões, encontros, cursos, demonstrações técnicas, palestras, excursões, visitas às propriedades e participação em festas comunitárias. Assim, a apreciação da maior parte desse conjunto de informações se deu através de uma abordagem subjetiva acerca dos questionários e das entrevistas.

Para uma análise mais detalhada do processo organizacional com grupos de mulheres, aprofundou-se a investigação sobre as experiências desenvolvidas pelo Grupo de Mulheres Raios de Sol, da comunidade de Colônia Itagiba, desde o início de seu processo de organização. Buscou-se também informações históricas da comunidade, e, num segundo momento, foram identificados os diferentes sistemas agrários, e as mudanças constatadas nas formas de produção, mão de obra, comercialização e nas relações sociais. Foram realizadas entrevistas com três mulheres do referido grupo, conversas informais com as associadas, pesquisa no livro de Atas, conversas com pessoas idosas descendentes dos pioneiros da comunidade e entrevista com um extensionista rural da EMATER que atua no município pesquisado.

Foram acessados também estudos e pesquisas acadêmicas a partir de uma vasta revisão bibliográfica, com estudos em livros e artigos acadêmicos. Junto a esses elementos são analisados os dados com possíveis erros, sendo que o estudo não foi de uma população, mas sim de uma amostra estratificada uniforme. Trata-se de uma série especificada onde é apontada a importância da Educação Não Formal com grupos de mulheres rurais, mulheres na faixa etária entre 18 e 80 anos. Como categorias para análise nesta pesquisa, foram

escolhidos: **Educação Não Formal, Grupos de Mulheres, Participação, Organização, Capital Social, Desenvolvimento Local.**

A partir do capítulo 1, apresenta-se a discussão teórica e uma revisão bibliográfica de alguns conceitos e teorias que tratam sobre educação do campo e educação não formal e dados gerais da pesquisa.

O capítulo 2 está dividido em três partes. A primeira contém um breve histórico do município e algumas análises sobre a educação desenvolvida com os grupos de mulheres rurais. Num segundo momento, apresenta-se de forma mais detalhada, a evolução histórica e o contexto em que acontece o processo educativo do Grupo de mulheres de Colônia Itagiba, município de São Francisco de Paula. Na terceira parte, trata sobre a organização do Grupo Raios de Sol, a percepção das mulheres em relação ao grupo e análises desta investigação.

No capítulo 3 está contida uma sucinta abordagem sobre a extensão rural pública e uma análise sobre as ações sociais, especialmente sobre o trabalho com grupos de mulheres rurais. A última parte contém as considerações finais, referências e anexos.

1 EDUCAÇÃO NO CAMPO E CONTEXTO DE PESQUISA

Acredita-se que a educação pode ser o “fermento” do desenvolvimento das comunidades rurais, principalmente se for uma escola engajada e comprometida com as necessidades e a realidade da população local. Nessa perspectiva, uma pedagogia do campo requer uma postura de comunicação do professor, construída a partir da realidade do aluno. Sobre essa prática, Kolling (2000) cita:

Quando dizemos Por uma Educação do Campo estamos afirmando a necessidade de duas lutas combinadas: pela ampliação do direito à educação e à escolarização no Campo; e pela construção de uma escola que esteja no campo, mas que também seja do campo: uma escola política e pedagogicamente vinculada à história, à cultura e às causas sociais e humanas dos sujeitos do campo, e não um mero apêndice da escola pensada na cidade (KOLLING et. al, 2000, p.66).

Ao fazer uma análise crítica sobre a forma de ensino que historicamente se fez no meio rural, percebe-se ele impregnado de cultura urbana e continuando o mesmo raciocínio sobre o currículo da escola rural que necessita de reformulações, Caldart (2002) afirma:

Construir uma escola do campo significa estudar para viver no campo. Ou seja, inverter a lógica de que se estuda para sair do campo, e se estuda de um jeito que permite um depoimento como este: foi na escola onde pela primeira vez senti vergonha de ser da roça. A escola do campo tem que ser um lugar onde especialmente as crianças e os jovens possam sentir orgulho desta origem e deste destino; não porque enganador sobre os problemas que existem no campo, mas por que dispostos e preparados para enfrentá-los, coletivamente (CALDART, 2002, p.34).

Quando se discute desenvolvimento rural, isso certamente passa pela educação e pela modificação da escola existente na área rural. Sobre essa questão Abramovay comenta que no Brasil nunca houve uma instância de análise e discussão a respeito de como deve ser a educação no meio rural, o que só começou a partir da Conferência em 2002, e complementa:

Sem que os próprios agricultores estejam conscientes dos trunfos que o meio rural pode oferecer a uma estratégia de desenvolvimento baseada na formação de tecidos densos e variados no interior do país, será impossível a superação do caráter até aqui burocrático e autoritário (a famosa prefeiturização) de que se revestem as tentativas de descentralização das políticas públicas. Um dos pressupostos básicos sobre inovação e território, é a dinâmica da aprendizagem, de valorização das práticas produtivas e da cultura técnica locais...mais que melhorar a escola rural, se trata de modificar o conjunto do ambiente que se refere à aquisição e ao uso do conhecimento no meio rural (ABRAMOWAY et al, 1998, p.12 e 13).

O mesmo autor diz que o maior desafio consiste em criar estratégias das organizações de desenvolvimento rural, uma rede de atores que trabalhem para a valorização das qualidades

de uma região, uma estratégia que promova um pacto de desenvolvimento do território. Um uma combinação que modifique todo o ambiente cultural e educacional existente no espaço rural, que seja capaz de transformar a tradição histórica que dissocia o trabalho do conhecimento. A escola rural é um dos elementos importantes e deve estar engajada na vida e na cultura da comunidade. Todos os atores devem empenhar-se para que o espaço rural possa ser visto como um local de múltiplas e inovadoras possibilidades, o qual deve estar associado à uma dinâmica constante de busca de oportunidades de desenvolvimento local (ABRAMOWAY, 2.000, p.10).

1.1 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Como abordagem teórica a educação não formal teve início a partir de diversas preocupações a respeito da formação integral dos indivíduos, especialmente relacionado às experiências que não são priorizadas na educação formal. Garcia (2008), ao debater o papel do social e da Educação não formal nas discussões e ações educacionais, cita também que apesar das pesquisas nesse campo serem bastante recentes, percebeu que no Brasil desenvolvem-se ações no campo da educação não formal já há muitos anos, apenas são denominadas com outras terminologias como: educação alternativa, educação complementar, projetos sócio educativos e outros. Por outro lado, o autor alerta que pela abrangência de propostas, o campo da educação não formal traz consigo também contradições, tanto com ações conservadoras como também, de caráter transformador, diferenças para as quais, o mesmo chama atenção:

Assim, as ações da educação não formal estão compreendidas em um contexto no qual circulam propostas oriundas dos movimentos sociais, como também de ONGs, Instituições, associações e ainda de poderes públicos comprometidos com projetos políticos transformadores sociais da ordem vigente e propostas de ONGs, Instituições, Fundações, Poderes públicos e Associações que representam a manutenção de um projeto político segregador e mantenedor do Status quo. (GARCIA, 2008, p.8).

Embora se coloque muita expectativa sobre a educação escolar, Gohn (2009) ressalta que a educação se faz à todo momento e em todo lugar, na família, na igreja, pelos meios de comunicação de massa, nos grupos sociais. São formas de educação não formal e informal que se aliam à educação formal. Sobre a relevância da educação não formal na sociedade atual, o mesmo autor observa:

A maior importância de educação não formal está na possibilidade de criação de novos conhecimentos, ou seja, a criatividade humana passa pela educação não formal. O agir comunicativo dos indivíduos, voltados para o entendimento dos fatos e fenômenos sociais cotidianos, baseia-se em convicções práticas, muitas delas advindas da moral, formuladas a partir de experiências anteriores, segundo tradições culturais e as condições histórico-sociais de determinado tempo e lugar. O conjunto desses elementos fornece o amálgama para a geração de soluções novas, construídas em face dos problemas que o dia a dia coloca nas ações dos homens e mulheres. (GOHN, 1999, p.104).

Em textos que analisam a educação não formal, educação social e educação popular no Brasil, constatou-se que em muitos momentos essas pedagogias se encontram e se complementam. Ao realizar essa pesquisa sobre educação no campo – educação não formal, percebeu-se poucos estudos à respeito do tema, sendo por vezes citada a educação popular, a educação informal, a educação social ou mesmo educação sócio comunitária, conceitos que em muitos momentos se atravessam, se integram, sendo termos de emprego recente.

Aristóteles já definia o ser humano como um ser social, que naturalmente tem a inclinação de viver em grupos, um ser de relações comunitárias. Segundo Isaú (2007), ao longo da história das civilizações, sempre houve grupos humanos e vida comunitária e como resultado, uma prática educativa. O mesmo autor conclui em seus estudos, que a pedagogia sócio comunitária⁵, que une educação religiosa e educação social, sempre esteve presente na prática dos Salesianos, e que na atualidade, é um modo de educação necessária, especialmente quando se discute vastamente individualismo e globalização liberal (ISAÚ, 2007, p.18). A teoria desse autor pode ser visualizada no comprometimento, envolvimento e em muitos casos, a liderança dos grupos de mulheres em suas comunidades, ao promover ações de mudança pelo bem comum em suas comunidades. A importância desse aprendizado ficou evidenciada nesta pesquisa com os grupos: 64% das mulheres consultadas concordam plenamente, que os seus grupos realizam ações, apóiam e auxiliam nas atividades comunitárias que promovem melhorias nas suas localidades e 24 % concordam na maior parte com esta constatação.

Ao analisar o desempenho do grupo Raios de Sol de Colônia Itagiba e as ações desenvolvidas a partir do grupo, verificaram-se alguns fatores explicativos para desenvolvimento social das mulheres e da comunidade. Identificou-se alguns elementos ligados ao processo de desenvolvimento do grupo, como integração social, lazer, atividades coletivas e de geração de renda, acesso às informações, organização comunitária, valorização

⁵ Pedagogia sócio comunitária, conceito ainda em construção. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art01_26.pdf> -Da Educação Social à Educação Sócio Comunitária e os Salesianos. Acesso em: 06 Jun.2011.

da cultura rural entre outras, como fruto das relações interpessoais construídas no espaço do grupo, um ambiente onde podem ensinar e aprender, se expressar, colocar suas idéias. Nas atividades vivenciais junto aos grupos, foi constatada essa postura de envolvimento comunitário, de participação ativa, da sensibilidade para com o outro, do cuidado com o patrimônio da comunidade, com o salão, Igreja, etc. A dimensão desse aprendizado e engajamento ficou evidenciado na pesquisa, também com a maior parte dos grupos de mulheres do município.

Em suas pesquisas sobre as teorias pedagógicas, Aranha (2006), fala da concepção histórico-cultural de Vygotsky, o qual em sua busca pelo entendimento dos aspectos do comportamento do indivíduo como um ser social, explica que os indivíduos sofrem a influência do meio histórico, social e econômico em que vivem e o que molda sua personalidade. Como o pensamento e linguagem – sua compreensão entre as mentes que se dá através da fala (palavras/significados). Ele destaca também o trabalho coletivo, que segundo ele, o indivíduo ao interagir com pessoas de sua convivência e em cooperação, posteriormente internaliza esse processo, dá valor assim ao papel da imitação. Com esse conceito pode-se melhor entender a transformação de um processo interpessoal – entre pessoas e, portanto, social – em direção a um processo intrapessoal, ou seja, de internalização pessoal e, portanto, rumo à independência intelectual, afetiva e conclui o autor:

A verdadeira comunicação pressupõe uma atitude generalizante, que constitui um estágio avançado do desenvolvimento do significado da palavra. As formas mais elevadas da comunicação humana somente são possíveis porque o pensamento do homem reflete uma realidade conceitualizada,...construída a partir de uma dialética indivíduo – sociedade, e sofrem constantes transformações conforme o grupo e o tempo (ARANHA, 2006, p. 268).

Essa teoria pode ser relacionada ao pensamento das mulheres pesquisadas, quando 75% e 11% respectivamente, concordam plenamente e concordam na maior parte que a participação nos grupos de mulheres rurais proporciona a troca de experiências e o desenvolvimento social e cultural das participantes.

Para Freire, discorrendo sobre as formas de educação, há o sistema tradicional, de concepção bancária, que reproduz a situação social e a educação problematizadora, que promove a transformação social. Na visão bancária, o agente educador transmite e o paciente educando recebe. Paulo Freire critica este método de educação, afirma que desta forma não pode haver superação já que o educando não desenvolve a consciência crítica para se tornar transformador do mundo. Desse modo, o educador “invade culturalmente” desqualifica o saber do educando apresentando outros saberes como sendo os “corretos”.

A concepção problematizadora da educação está voltada para o diálogo e realiza-se como prática da liberdade, onde o educador e o educando se educam em comunhão e se tornam sujeitos do processo através de pensamentos reflexivos onde não existe a autoridade de educador, mas sim respeito entre os sujeitos e uma troca constante de saberes.

O homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação.

Assim como a tomada de consciência não se dá nos homens isolados, mas enquanto travam entre si e o mundo relações de transformação, assim também somente aí pode a conscientização instaurar-se (FREIRE, 1977, p. 76 e 77).

O educador é um mediador, refletindo e problematizando o tema trabalhado, assim, os educandos tornam-se investigadores com senso crítico em constante diálogo com o educador e com outros educandos, assim, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1970, p.78 -79.).

Numa perspectiva semelhante, Gallo (2008), ao discutir Deleuze e a sua filosofia sobre a educação, relaciona esse educador à um professor militante, que age nas micro relações cotidianas, construindo um mundo dentro do mundo, cavando trincheiras, desenvolvendo uma “Educação Menor”. Esta “Educação Menor” seria um ato de revolta, de resistência contra os andamentos educacionais instituídos, uma resistência às políticas impostas pela “Educação Maior”, a da Constituição, pensada pelas cabeças a serviço do poder. (GALLO, 2008, p.64 - 65).

Também Quintana (1993), traz alguns exemplos de trabalhos característicos de educação não formal, e os classifica como uma das áreas no campo de Trabalho Social, que envolve uma série de especialidades, entre as quais: atenção à juventude (política de juventude, associativismo, voluntariado, emprego...)...atenção à terceira idade; promoção da condição social da mulher; educação de adultos; animação sociocultural. Segundo entendimento desse autor, as atividades organizativas realizadas com grupos de mulheres e as ações desenvolvidas com os mesmos são classificadas como educação não formal. Assim, o foco desse trabalho foi analisar os processos educativos não formais que vêm ocorrendo com os Grupos de mulheres rurais, ou seja, o trabalho coletivo desenvolvido com as mesmas, em que o propósito maior é o de promover a condição social da mulher.

1.2 CONTEXTO DE PESQUISA

Nesta pesquisa, o questionário com questões abertas e fechadas, é apresentado como um “censo” maior, realizado com os catorze grupos de mulheres, onde 78% das mulheres participam dos grupos a mais de quatro anos. Buscou-se compreender como vem acontecendo o processo educativo das mulheres residentes em áreas rurais, do município de São Francisco de Paula, na região dos Campos de Cima da Serra, Estado do Rio Grande do Sul, do ano de 2002 a 2010, período em que teve início o trabalho com grupos de mulheres na zona rural do município.

Avaliando a educação da população rural, através da pesquisa mostra que 32% das mulheres entrevistadas têm o ensino fundamental incompleto, sendo que a maioria estudou menos ou até 4º ano primário e somente 16% possuem ensino fundamental completo e 34% das mulheres que responderam o questionário possuem o ensino médio.

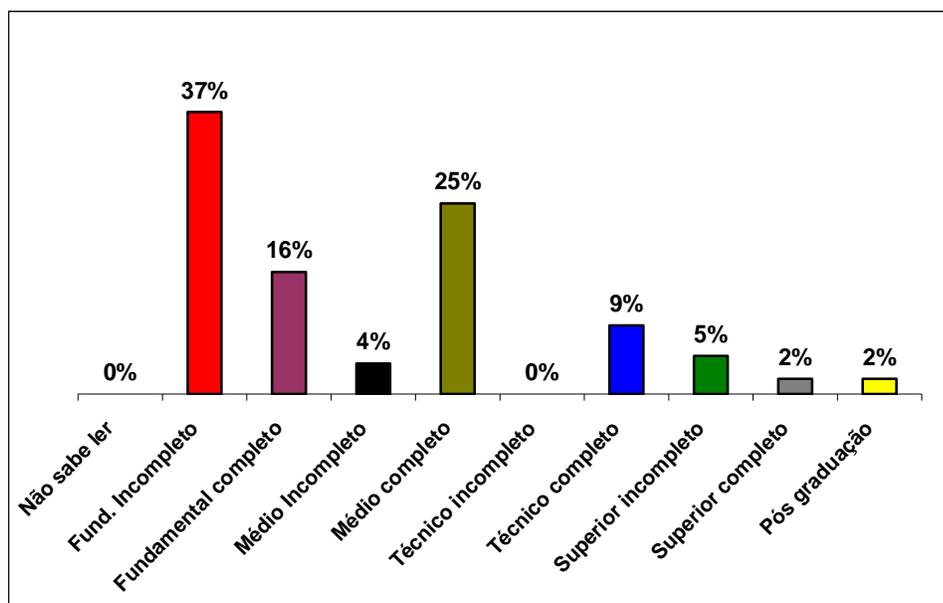


Figura 1: Grau de escolaridade das mulheres rurais que responderam o questionário

Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir de dados levantados no questionário

Avaliando esses dados e sabendo das realidades da grande maioria dos espaços rurais que são desprovidos de acesso à educação formal de nível médio e superior, conclui-se que esta é uma justificativa para o desenvolvimento de espaços de educação não formal.

As distâncias entre as propriedades rurais e entre estas e as sedes de comunidades são um fator de isolamento, conseqüentemente, a possibilidade de participar das atividades dentro dos grupos de mulheres possibilitam essa integração social, que de outro modo seria muito difícil de acontecer, isso foi um ponto relevante constatado na pesquisa.

Para que um processo educativo seja de caráter libertador deve haver uma relação dialógica entre educador e educandos. “Questionadas sobre a postura do extensionista na definição das atividades a serem realizadas, as mulheres responderam que:

- são colocadas idéias de todas as participantes, decididas e realizadas conjuntamente;
- planejamento feito pelo grupo; em reuniões junto com extensionista;
- algumas idéias são sugeridas pelo extensionista e outras escolhidas pelo grupo;

entre outras citações...”

Essas respostas demonstram que há uma relação horizontal, que pressupõe uma relação de diálogo e respeito entre extensionista e agricultoras, ou seja, uma metodologia participativa, pois as mulheres definem suas prioridades.

Analisando as idades das mulheres entrevistadas, constatou-se que apenas 40% das mulheres encontram-se na idade considerada mais produtiva, entre 18 e 50 anos. Percebe-se um intenso envelhecimento da população rural, semelhante a muitos espaços rurais, fatores descritos por vários pesquisadores, entre eles, Camarano e Abramovay, (1999).

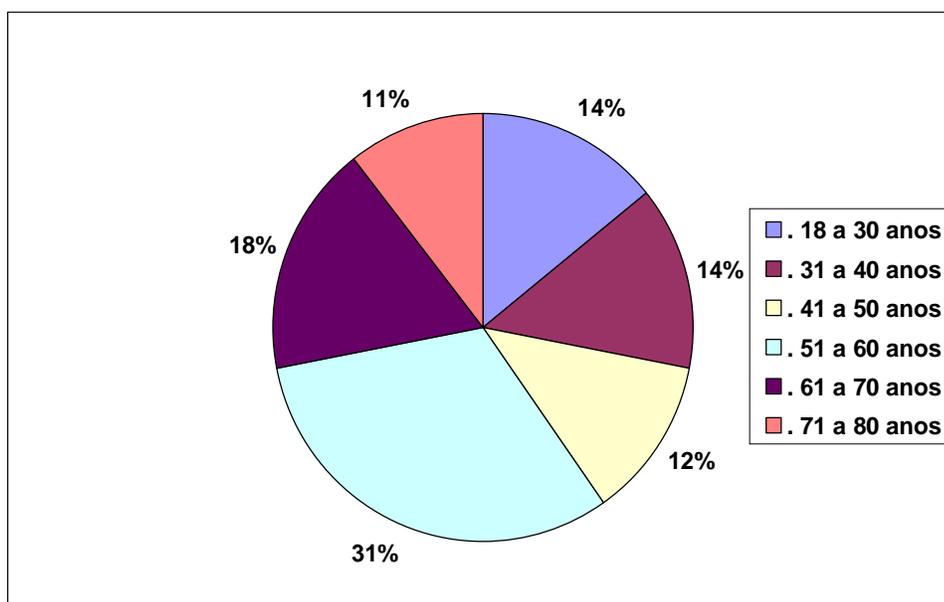


Figura 2: Faixa etária das mulheres que responderam o questionário

Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir de dados levantados no questionário

Os outros itens mais citados pelas mulheres, discorrendo sobre atividades realizadas nos grupos, elas se lembraram da qualificação profissional: Cursos e práticas nas propriedades; palestras; agroindústria caseira e costura. Depois, foram citadas as questões envolvendo: viagens, conversas e lazer; Desafios - trabalhos comunitários em prol de melhorias na comunidade; participação e realização de eventos. Por fim, também se

lembraram das questões ambientais, que envolvem trabalhos com reciclagem, cuidados com o meio ambiente, com as águas.

Disso tudo, pode-se dizer que apesar de citarem em maior número atividades tradicionalmente desempenhadas pelas mulheres, existe também uma mudança de postura delas em relação à comunidade, de participação, de crescimento pessoal, se abrem para novas possibilidades.

As maiores dificuldades apontadas pelas mulheres em relação ao funcionamento do grupo, elas citam como sendo a acomodação e desinteresse das mulheres, que causa a pouca participação. Essa queixa é principalmente em relação às outras mulheres da comunidade que são convidadas por elas e que não mostram interesse em participar do grupo. No entanto, para as integrantes tem sido gratificante participar do grupo e não conseguem entender o descaso das outras mulheres. Elas mencionam também as grandes distâncias das propriedades e precariedade das estradas, que dificultam o deslocamento até o local da reunião.

Outra problemática lembrada é a falta de união entre o grupo, a falta de democracia e problemas de relacionamento entre as participantes. São dificuldades constatadas no cotidiano dos grupos, mas que com habilidade dos extensionistas, na maioria dos casos vão sendo sanados, “problematizando”, refletindo, avaliando e buscando a repactuação de novos propósitos.

Como sugestões para melhorar o desempenho do grupo elas sugerem que deve haver maior participação e assiduidade das mulheres aos encontros. Deve haver também mais união, confiança entre as integrantes, bem como deve existir mais abnegação e disponibilidade entre o grupo. Por outro lado, algumas alegam que as reuniões deveriam ser mais frequentes. O fator “confiança” também é fundamental para não “quebrar” o processo de crescimento de um grupo. Assim, ao serem definidas determinadas ações, envolvendo recursos financeiros ou não, sempre é enfatizada a importância do comprometimento (cumprir o prometido) e da transparência das informações que envolvam o grupo.

Ainda foram indicados, como fatores que podem melhorar o desempenho do grupo, a realização de mais cursos, palestras e aperfeiçoamentos para gerar renda. Foi sugerido também usar outros métodos, criatividade e motivação na condução das reuniões. Também fizeram referência a proporcionar mais incentivos e informações, bem como a realização de parcerias com outras entidades e a busca de maiores apoios do poder público.

Ao realizar essa pesquisa, especificamente quis saber em que medida, a contribuição da extensão rural tem sido relevante para a autonomia das mulheres, para o desenvolvimento das comunidades rurais, através dos processos sócio educativos da mulher e do papel

desempenhado pelas mulheres como agentes propulsoras no desenvolvimento local. Também quis investigar qual tem sido a percepção delas em relação às atividades individuais e coletivas desenvolvidas a partir da pedagogia desenvolvida com o grupo. Nessa perspectiva, Medina e Santos (2000) ressaltam entendimento de Vygotsky em relação aos processos de formação, da relevância das relações com ênfase nas mediações sociais e culturais nos processos de construção dos novos significados.

Durante a pesquisa, ao ser feita a avaliação dos trabalhos desenvolvidos nos grupos, no geral, a maioria considerou muito bom por que aprenderam a valorizar o trabalho de grupo. Também foi lembrado, que a participação no grupo de mulheres, proporcionou ganhos de conhecimentos úteis para elas e para os outros e de que todas as propostas são bem desenvolvidas por que são demandadas por elas.

Por outro lado, algumas sugeriram que deveria melhorar a própria atitude das participantes, que deveria ser de um maior comprometimento e união em relação às decisões tomadas pelo grupo.

De um modo geral, tem sido bastante satisfatório para elas, o modo como têm sido construídas as caminhadas dos grupos. Há um refletir sobre os resultados alcançados e sobre as falhas do grupo. Percebe-se que há uma atitude de “olhar” para dentro da própria organização, uma pressão social para que haja uma adesão maior de todas ao que é decidido. São idéias que também levam à autonomia, estão percebendo que para conquistar seus objetivos, precisam de maior participação, de que juntas terão maiores chances de sucesso nos seus empreendimentos.

Relacionando com a teoria de Vygotsky, ocorreram alguns avanços no campo da pedagogia desenvolvida com grupos de mulheres rurais, constatou-se um movimento caracterizado por um modo de ser, de mulheres comprometidas com a comunidade, como um resultado de um processo gradativo, construído na interação entre mulheres do grupo e destas com outros indivíduos da comunidade, um agregado de relações sociais. Isso, de algum modo tem contribuído para a criação de embriões de capital social nas comunidades.

Analisando os Grupos de Mulheres Rurais, constatou-se que são formas organizativas que possuem uma relativa autonomia. Tem normas e regras definidas pelas próprias participantes, porém, funcionam de maneira informal. Nestes, são desenvolvidas atividades educativas diversas, inclusive de geração de renda, com a finalidade de manter os próprios afazeres coletivos ou reinvestir na própria organização, como por exemplo, na aquisição de materiais, equipamentos ou até promover viagens culturais e de lazer.

Como consequência dos “Desafios” assumidos pelas mulheres nos Encontros Municipais de Mulheres Rurais foi atestada a frequente liderança das mulheres em atividades sócio-comunitárias, como mutirões, realização de Bingos e Festas em prol de manutenção de capelas e salões comunitários. Em vários casos, os grupos de mulheres impulsionaram toda a comunidade a investir em melhorias da infraestrutura comunitária, como por exemplo, as construções de salões novos (Colônia Itagiba e Recosta), construção de poço de água comunitário, realizado em forma de mutirão, na comunidade de Campestre do Tigre e reformas das capelas das comunidades de Samambaia, Princesa dos Campos e Lava Pé.

As atividades acima citadas aconteceram em decorrência da reflexão e conscientização das mulheres em relação ao que as incomodava na comunidade, ou seja, através de uma dinâmica de “Problematização”, constantemente discutida nas reuniões de rotina, optaram e decidiram através de ação conjunta, tomar atitude de transformar a realidade.

O mesmo processo ocorreu com o grupo de mulheres de Colônia Itagiba, que ao se perceber dentro de uma comunidade quase “morta”, decidiu **“lutar por mais vida na comunidade.”** Como afirma Freire (1977), “a educação para ser verdadeiramente humanista, tem que ser libertadora... deve ser o aprofundamento da consciência que se opera nos homens enquanto agem, enquanto trabalham.” (FREIRE, 1977, p.76).

Ao relacionar as teorias educacionais discutidas no texto às atividades que as mulheres e as suas organizações desempenham, constata-se que podem ser entendidas como educação não formal. Esse envolvimento entre as mulheres e as ações dos grupos “moldam” uma percepção educacional que vai além das formas conhecidas de educação.

2 BREVE HISTÓRICO DE SÃO FRANCISCO DE PAULA E A CONTEXTUALIZAÇÃO DO GRUPO DE MULHERES RAIOS DE SOL

Em 1730 já existiam estâncias na região que se estende dos municípios de São Francisco de Paula (RS) a Vacaria (RS). Os primeiros portugueses a se tornarem proprietários de terras na região foram Cristóvão Pereira de Abreu e Francisco Pinto Bandeira, que receberam a posse de milhares de hectares de campos em troca de grandes serviços prestados à Coroa Portuguesa. Habitavam essa região os índios Caáguas, que faziam parte das tribos dos Coroados, que segundo alguns historiadores eram pacíficos, mas mesmo assim foram perseguidos, mortos e escravizados. A partir de 1777 iniciaram as incursões de bandeirantes com o objetivo de buscar animais de tração e mão de obra escrava.

São Francisco de Paula fazia parte do caminho dos tropeiros que tropeavam mulas xucras e gado em direção a Sorocaba, São Paulo e foi com o transitar dos tropeiros por este caminho que iniciou o processo de ocupação dos Campos de Cima da Serra. O povoamento do município e região intensificou-se com a concessão de sesmarias, para a população de origem portuguesa provinda de Sorocaba, Laguna e Santo Antônio da Patrulha, a qual em parte, miscigenou-se com indígenas e um pouco mais tarde, também com os negros que foram trazidos para as fazendas da região como escravos.

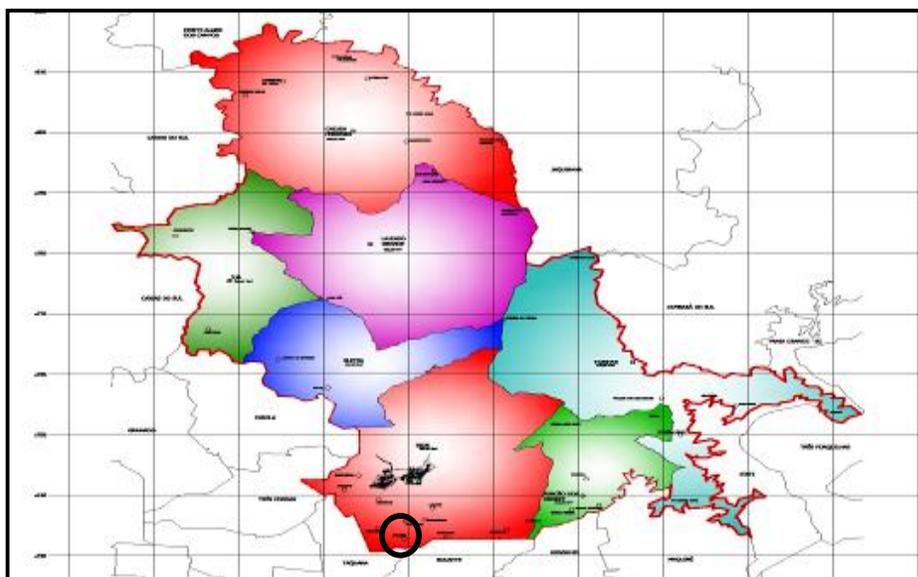


Figura 3: Mapa do Município – Destaque: Colônia Itagiba

Fonte: Prefeitura Municipal – Mapa:Distritos. Plano diretor de desenvolvimento ambiental integrado – pddai. Ago. 2006.

Para desenvolver as atividades agropecuárias, até aproximadamente 1915, poucas fazendas tinham cercas em seus limites, apenas pequenas áreas cercadas por taipas de pedra, próximo à sede, local onde permaneciam as vacas leiteiras e animais de montaria.

A vinda dos imigrantes de origem italiana e alemã coincidiu com o início de outras atividades econômicas (entre 1910 e 1924), onde além da pecuária, passa a destacar-se a exploração da erva-mate, que era abundante na forma nativa nas matas, período em que chegou a ter um número de 500 barbaquás⁶.

A implantação do ciclo das araucárias (1915) ganha impulso com a imigração dos italianos para o município, pois inicialmente eles eram proprietários de serrarias e caminhões. O ciclo de exploração da araucária segue até 1970, quando é proibido o seu corte indiscriminado pelo Instituto Brasileiro do Meio ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Neste período inicia nos campos a implantação de lavouras de batata, uso de agroquímicos e o plantio do pinus, principalmente da variedade *elliottii*. Foi um período de fechamento de muitas serrarias e êxodo rural.

Entre 1970 e 1990, são eliminadas grandes áreas de campo nativo, através de lavrações para cultivo de milho, pomares comerciais de maçã e olerícolas, isso acompanhado do uso de agroquímicos, máquinas agrícolas, crédito rural e assistência técnica. Simultaneamente há uma decadência e descapitalização da pecuária.

A partir de 1990, acontece florestamento intensivo com pinus *elliottii* nas melhores áreas de campo, uso intensivo de agroquímicos e poluição ambiental. Neste período inicia a prática da implantação do Melhoramento do Campo Nativo⁷, aumento da produção leiteira e de queijo artesanal serrano⁸. Também principia o plantio de alho e aumento das lavouras de batata, que gera aumento da produção e da produtividade. (MARTHA, 1998, p. 67 – 77).

Atualmente o município é composto de pequenas, médias e algumas poucas grandes propriedades, que foram passando por herança, nas quais a principal atividade econômica permanece sendo a pecuária de corte. São Francisco de Paula teve sua emancipação consolidada em 1902 e atualmente possui uma área de 3.269 km², sendo um dos maiores do estado. É dividido administrativamente em sete distritos, compostos por cinquenta e três

⁶ Um rancho em cujo interior existe um jirau sobre esteios. Embaixo do jirau, há um forno à lenha, que distribui calor para os galhos sapecados de erveiras, que permanecem secando sobre os esteios. É um ritual de fabrico da erva mate herdado dos indígenas. Crônicas de Diogo Guerra, Disponível em: <<http://www.jornalcontexto.com.br/Cronicas/carijo.htm>> Acesso em: 1 jul.2011.

⁷O Melhoramento do Campo Nativo consiste numa técnica do plantio direto de leguminosas e gramíneas de inverno no campo nativo. Ver mais informações na EMATER- São Francisco de Paula.

⁸ O Queijo Artesanal Serrano é um produto típico dos campos de altitude do RS e de SC, sendo elaborado a partir de uma receita secular, de origem portuguesa, e se caracteriza por ser produzido com leite cru, de vacas comuns cruzadas, de raças de corte, que se alimentam basicamente do campo nativo. EMATER S F P.

localidades. No município existem 2.189 propriedades rurais, porém o número de proprietários é bem menor, sendo que 1.134 propriedades são de minifúndios (áreas individuais menores que 20 ha). Possui uma população de 20.537 pessoas, sendo que 13.004 habitantes residem na área urbana e aproximadamente 7.533 vivem no meio rural. (IBGE, 2010).⁹

Para uma melhor compreensão desse trabalho com grupos de mulheres, foi necessário focar sobre as experiências de um deles. Por uma questão de acessibilidade, foi escolhido o grupo de Mulheres Rurais de Colônia Itagiba, que faz parte da área de atuação profissional da discente.

Com a realização de uma leitura da paisagem, através de visitas realizadas na comunidade, procurou-se através de uma identificação visual caracterizar as atividades agrícolas praticadas, tipo de solo, relevo, vegetação, infraestrutura etc.

2.1 COLÔNIA ITAGIBA - CONTEXTO DO GRUPO RAIOS DE SOL

Colônia Itagiba está localizada na região sul do município de São Francisco de Paula, RS e faz divisa com o município de Rolante. Caracteriza-se por apresentar um relevo acidentado, grande parte com forte declividade e pequenas áreas que se prestam para agricultura mecanizada. O solo tem presença de pedregulho e afloramento de rochas, classificado como neossolo litólico eutrófico, de textura média, com acidez moderada, baixo teor de fósforo e normal de potássio, (STRECK, 2009, p.86).

A vegetação natural encontra-se aparentemente bem preservada, sendo que a mata nativa (mata atlântica) é estimada em torno de 70 %, sendo que 30% dessa área é regenerada ou transformou-se em capoeirão, onde um dia já foi lavoura. Ainda há a presença de araucárias e áreas de florestamento com pinus, eucalipto e acácia. Em relatos feitos por uma das senhoras da comunidade, sobre a agricultura de trinta anos atrás, ela diz com saudosismo: “esses morros eram tudo roça, agora tá tudo abandonado, tudo virando mato”.

Atualmente, além da produção para autoconsumo, há uma pequena produção de feijão, frutas e verduras que são comercializados através da Associação do Caminhão da Feira em cidades próximas. Também é produzido milho, mandioca, cana de açúcar e acácia (lenha e

⁹ Resultados preliminares do universo do censo demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 15 mai.2011.

carvão), porém, a renda maior provém da aposentadoria, pois em cada família pelo menos há uma pessoa aposentada. Existe um aumento de demanda por diversos produtos, porém, a maior dificuldade para isso se concretizar é a mão de obra restrita. A população moradora da localidade tem média de idade bastante avançada.

O sistema de criações é de bovinos mestiços, com predominância da raça zebu, é explorado com três propósitos: leite, carne e tração. A criação de aves e suínos é desenvolvida basicamente para subsistência.

A densidade demográfica é maior se comparada com a região de campo, as propriedades são menores. Em algumas ainda se faz o uso de tração animal, exceto em poucos casos em que é utilizado trator.

A terceira e nova capela católica da comunidade foi construída com muita dificuldade no ano 1997 e encontra-se em bom estado de conservação, bem como os cemitérios (católico e evangélico) que estão limpos e cercados. O Salão comunitário novo foi recentemente construído. As moradias, galpões, cercas e mangueiras encontram-se em estado precário, sendo que se verifica um considerável número de propriedades abandonadas. Ainda permanecem em pé algumas casas centenárias em estilo enxaimel¹⁰, testemunhas de um passado da possante colônia. Ainda permanece em funcionamento, o antigo moinho da comunidade. A casa comercial da localidade encerrou suas atividades a muitos anos, mas um descendente da família a mantém conservada, como era originalmente, inclusive com alguns artigos que eram comercializados na época. Existem algumas propriedades ocupadas por chácaras de lazer, com moradias bem construídas, desfrutadas por moradores urbanos do município e de municípios vizinhos.



Figura 4: Imagem Via Satélite da Colônia Itagiba

Fonte: Google Earth. Acesso em: 3 ago. 2011.

⁸. O Enxaimel ou Fachwerk é uma técnica de construção que consiste em paredes montadas com hastes de madeira encaixadas entre si em posições horizontais, verticais ou inclinadas, cujos espaços são preenchidos geralmente por pedras ou tijolos e barro, estilo rústico muito utilizado nas construções dos imigrantes alemães. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Enxaimel>> Acesso em: 20 jun. 2011.

2.1.1 Evolução dos sistemas agrários de Colônia Itagiba

Conforme relatado por moradores da localidade, a mesma foi fundada aproximadamente no ano 1900, por imigrantes italianos e alemães, quando foi batizada com o nome de Nova Itália. Anos mais tarde, o nome da comunidade foi modificado para Colônia Itagiba.

Pouco tempo após a chegada dos primeiros imigrantes, a comunidade teve rápido desenvolvimento a partir da produção baseada na policultura pecuária, adaptada às condições locais de produção e consumo. Até 1944, usavam o sistema de derrubada e queimada do mato nativo e exploravam a fertilidade natural do solo. Neste período, os principais cultivos foram pequenas roças de milho, feijão, batata doce, aipim, cana de açúcar e produção de açúcar amarelo, melado e rapadura. As criações eram: gado de corte e leite e suínos tipo banha. Nesse período houve construção de estradas e escola, que chegou a ter 72 alunos. Surgiram a casa comercial, a bodega, a Ferraria, dois açougues, a Serraria e o Moinho artesanal, que faziam a mediação para o comércio. Por semana, eram duas ou três cargas de produtos que transportados para Taquara.

No período de 1945 a 1965, diminui o desmatamento e inicia o florestamento com pinus e acácia negra. Começa se esgotar a fertilidade natural do solo e é introduzido o uso de agroquímicos. Diminui também a produção de cana de açúcar e inicia o cultivo do piretro¹¹, que tinha valor comercial satisfatório, podia ser colhido mensalmente, no qual grande número de crianças se envolvia. Também eram cultivados o trigo, centeio, cevada e fumo, o que não era muito do agrado por causa da utilização de elevada quantidade de agrotóxicos.

Dos anos 1966 a 1985, acontece a expansão do florestamento de pinus, e eucalipto e uso intenso de agroquímicos. Acontece uma grave crise econômica na comunidade, em virtude do fechamento da Fábrica Pirisa, de Taquara, que comprava a produção de piretro. Essa planta era cultivada em grande quantidade na região, mas no ano de 1959 o preço caiu no mercado internacional. Nos anos 1960 vão reduzindo as parcerias entre agricultores e indústria, diminuem as áreas de cultivo do piretro e, por conseguinte, nos anos 1970, resulta no término do cultivo do mesmo. Gradualmente essa cultura foi sendo substituída por

¹¹ As flores do piretro são utilizadas na fabricação de inseticida natural. No RS, nos anos 1960, esse cultivo perdeu seu espaço com o surgimento dos piretróides sintéticos. Fonte: História do Piretro, Correio do Povo, Porto Alegre, ANO 115, nº 32, Edição novembro 2009, Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=115&Numero=32&Caderno=0&Noticia=50142>> Acesso em: 8 jan. 2011.

atividades mais rentáveis como leite e fumo. Acontece um incremento na produção leiteira, porém, entra em decadência a colônia e enfraquecem as casas comerciais da mesma.

A partir de 1986 continua o florestamento intensivo com *pinus elliottii* e acácia negra nas áreas de cultivo. Há um aumento na produção de leite, com implantação de linha de leite integrada com a Cooperativa Piá, de Nova Petrópolis. Inicia a produção de hortaliças, frutas e produtos diversificados para abastecimento de feiras. A decadência e êxodo rural da colônia continuam, fenômeno que vários autores e Meneguetti (1998) relacionam ao modelo de desenvolvimento a base de crescimento adotado no Brasil, que trouxe a produção em grande escala e a diminuição da diversidade de produtos, atingindo fortemente o pequeno agricultor de subsistência com pequenos excedentes comercializáveis. O autor ressalta que essa agricultura passa a utilizar mais energia e químicos na produção agrícola e nas agroindústrias de grande porte, gerando já nos anos 1960/70 uma dependência dos produtores menores em relação aos fornecedores de insumos e máquinas de um lado e aos grandes compradores, de outro. A rápida modernização não pode atender à grande diversidade de produção e inviabilizou a adaptação do pequeno produtor ao modelo, levando-os à exclusão, ao empobrecimento, ao êxodo para o trabalho pouco remunerado na industrialização urbana, que se intensificava paralelamente (MENEGUETTI, 1998).¹²

O declínio da comunidade de colônia Itagiba continuou evoluindo após os anos 1980. A inexistência de políticas públicas voltadas à agricultura familiar e outros fatores fez com que ali também houvesse uma fuga silenciosa para as cidades. As famílias eram numerosas, mas as áreas de terra eram pequenas e a declividade do solo não lhes permitia a utilização de máquinas que diminuísse a penosidade do trabalho e que houvesse uma produção competitiva. Assim, com uma renda insuficiente, estimulava a saída dos jovens em busca de emprego na cidade. A indústria calçadista, por sua vez, em região como os municípios de Campo Bom, Sapiranga e Novo Hamburgo, tinha muitas ofertas de emprego. Com a saída de grande parte das pessoas mais jovens, a comunidade foi se esvaziando, permanecendo poucos moradores. Algumas das famílias que permaneceram, participaram de um projeto desenvolvido pelo CAPA/convênio GTZ¹³ (anos 1980) a partir do qual organizaram uma associação, adquiriram

¹²Disponível em: <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/mod/resource/index.php?id=941>> Acesso em: 8 mai.2008.

¹³ GTZ - empresa pública de direito privado alemã, que gerencia projetos de cooperação técnica em parcerias com instituições públicas e privadas em várias partes do mundo. O Governo do Rio Grande do Sul iniciou uma parceria em 1990, visando apoiar projetos de desenvolvimento, de organização de agricultores de baixa renda, através de atividades de capacitação em metodologias participativas, que auxiliem na redução das discrepâncias sociais e contribuição para a gestão sustentável do ambiente. Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/fontesdecooperacao/internacional/fontes.pdf>> Acesso em: 28 jul.2011.

um caminhão e um classificador/ embalador de cereais, que lhes permitiu a comercialização de seus produtos em feiras nas cidades vizinhas. Esse projeto se transformou em importante fonte de renda para as famílias envolvidas, que perdura até os dias atuais. A economia mantém as suas características de origem, onde uma parte das famílias está voltada ao comércio local (próximo às cidades, feiras). Mesmo assim, a população local foi diminuindo e com o passar dos anos, a escola da comunidade também fechou.

Segundo estudos de Mendras e Durston, os migrantes brasileiros são cada vez mais jovens e em maior número de moças, que pela oferta de trabalho no meio urbano (neste caso, é próximo ao vale calçadista), é o caminho mais curto para a independência econômica. Tradicionalmente permanece no campo aquele que não estuda. (CAMARANO E ABRAMOVAY,1999,p.13).

A organização social e religiosa da comunidade aos poucos foi perdendo a vitalidade, ao ponto de não acontecerem, nem mais as tradicionais festas de “Kerb”. Atualmente vivem em torno de 32 famílias na localidade. Neste cenário é que no ano de 2006, acontece o início do trabalho de organização do grupo de mulheres, que foi objeto principal dessa pesquisa.

2.2 A ORGANIZAÇÃO DO GRUPO DE MULHERES RAIOS DE SOL

Em entrevista realizada com três mulheres do grupo, buscou-se descobrir como evoluiu essa experiência de organização do grupo de mulheres, que iniciou suas atividades no ano de 2006, caminhada que está completando sete anos. As entrevistadas participam do grupo desde o início da formação, cujo nome escolhido foi RAIOS DE SOL e possui atualmente 13 associadas.

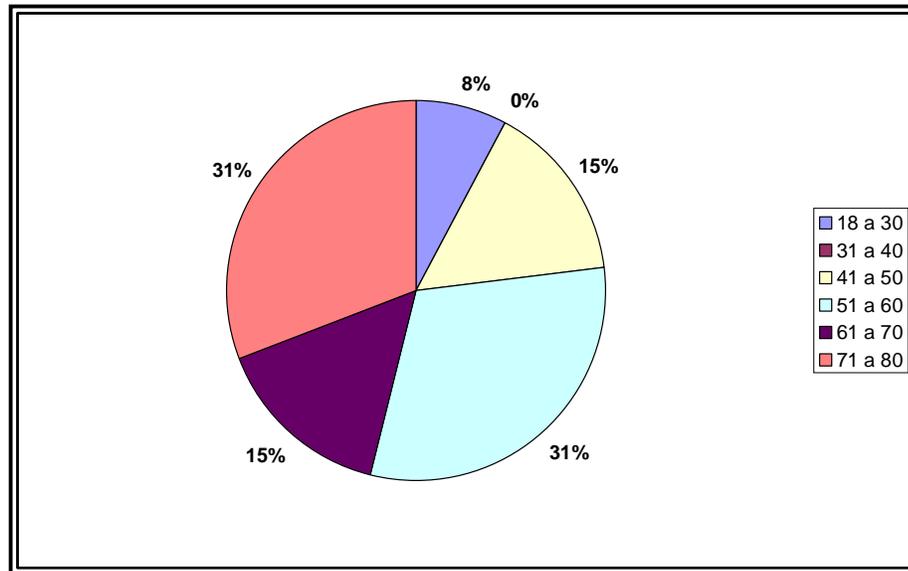


Figura 5: Faixa etária das associadas do Grupo de Mulheres Raios de Sol de Colônia Itagiba

Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir de dados coletados no questionário

Constatou-se que 76,92% delas possuem acima de 51 anos e em torno de 30% com idade entre 25 e 50 anos, evidenciando uma população envelhecida, que já passou da principal fase produtiva da vida.

Proporção semelhante, porém um pouco menor, foi constatada sobre a faixa etária das mulheres que participaram do questionário geral aplicado a todos os grupos (Figura 2), no qual 60% das entrevistadas estão na faixa de idade entre 51 e 80 anos, idade avançada e 40% das mulheres com idade de 18 a 50 anos.

O processo inicial de organização do grupo Raios de Sol, conforme relatado por elas, ocorreu a partir de iniciativa delas: Duas mulheres da comunidade foram assistir uma reunião de um grupo de mulheres, na comunidade vizinha de Boa Vista. Gostaram da proposta e combinaram com a extensionista para fazer uma reunião na localidade de Colônia Itagiba, para a qual elas se encarregariam de convidar as outras moradoras da localidade.

Na primeira reunião realizada com a presença de várias mulheres junto com a extensionista, ocorrida no ano de 2004, foi feita uma sensibilização e descritas experiências vivenciadas por outros grupos, foram trocadas idéias sobre como poderia funcionar a organização, foram pensados alguns objetivos e escolhida uma coordenação para o grupo. A extensionista conduziu a reunião inicial e se despediu, pois fora transferida para outro município.

O grupo, porém, continuou se reunindo mensalmente, sem assessoria sistemática da extensão rural, basicamente com objetivo de trocar experiências em técnicas de artesanato, a

partir das participantes. Eventualmente as mulheres e seus familiares participavam de excursões e encontros organizados pela EMATER, com apoio dos técnicos locais. Ficou evidenciado, que a intervenção pedagógica realizada neste grupo, desde o princípio, teve um direcionamento para a autonomia do grupo, elas aprenderam a “caminhar com as próprias pernas”.

A partir do ano de 2006, o grupo começa a ser assessorado sistematicamente (uma vez ao mês) por outra técnica de Bem Estar Social da EMATER, que estava chegando de outra região. A partir daí, o grupo cria seu estatuto e regimento interno e também passa a discutir sobre seus problemas, objetivos e prioridades e a fazer um planejamento das atividades.

O principal eixo das atividades planejadas e realizadas neste grupo, têm sido a promoção da cidadania e organização social, que envolveu: reuniões de planejamento; encontros de confraternização, entre o próprio grupo e também ações e direitos em gênero, com Palestras, escolha da Mulher Rural Destaque¹⁴ e participação nos Encontros Municipais de Mulheres Rurais; mutirões de organização e limpeza dos arredores da comunidade, de proteção do poço que abastece a comunidade e de construção do Salão; auxílio às famílias em vulnerabilidade social, através de campanhas do Agasalho e doação de presentes para crianças da Casa de Passagem¹⁵; organização de Bingos e festas em prol da comunidade; valorização da cultura rural, através do resgate da gastronomia típica e valorização dos costumes e festas; através da participação da comunidade na Festa do Pinhão e realização da Festa Junina. Nos eventos gastronômicos sempre estiveram presentes alimentos tradicionais como cucas e bolos assados em fornos de barro, biscoitos pintados, kartoffelsalat¹⁶ e conservas, típicos da cultura alemã.

¹⁴ Mulher Rural Destaque - cada grupo escolhe sua representante, por votação secreta, levando em conta o engajamento da mesma como líder na comunidade. A escolhida representa o grupo no Encontro Municipal de Mulheres Rurais, apresentando um Tema escolhido pelas mesmas. EMATER SFP.

¹⁵ Casa de Passagem, que acolhe crianças em situação de risco social. Disponível em: <<http://cmaspq.vilabol.uol.com.br/assistencia.html>> Acesso em: 26 mar.2011.

¹⁶ Kartoffelsalat é a salada de batatas, que na região sul, de imigração alemã é feita com batatas cozidas, cortadas em rodela e temperadas com vinagre, sal, pimenta e um molho feito com temperos refogados e farinha de trigo. Podem ser adicionados ovos cozidos picados e sal a gosto, informação prestada pelas mulheres do Grupo Raios de sol.



**Figura 6: Escolha da Mulher Rural Destaque-
VII Encontro M. Mulheres Rurais - Cedro**
Fonte: Silvio Dutra/ 2010



**Figura 7: VIII Encontro M. Mulheres Rurais –
Samambaia**
Fonte: EMATER/2011

2.3.1 A percepção das mulheres sobre o seu grupo

Ao refletir com as mulheres sobre quais eram as formas de diversão das mulheres e moças de antigamente, as entrevistadas comentaram que naqueles tempos, somente os homens vinham na sociedade para se distrair, as mulheres se reuniam nas casas das vizinhas para jogar Vispo. Atualmente, muitas vezes em domingos e feriados, as mulheres se reúnem no salão novo para jogar Canastra ou Vispo. Sobre as motivações que levam as mulheres atualmente a participar do grupo, elas dizem:

- a) *Por que são unidas e gostam.... mas, só que é pouco tempo...meio dia por mês...elas gostam muito das amigas.*
- b) *É um tipo de lazer, de se divertir e também para aprender.*
- c) *Acho que as mulheres começaram a participar interessadas em algo diferente que as tirasse das suas atividades de rotina pelo menos uma vez ao mês, para aprender coisas novas e diferentes e também conversar com pessoas que não são do seu convívio rotineiro. Aprendendo uns com os outros. Dizem que é divertido... é bom os encontros, pois é uma tarde diferente (2011, Anexo III).*

Na pesquisa feita com os outros grupos de mulheres do município, constatou-se que as motivações para participar dos grupos, as idéias mais citadas, entre outras, foram: a vontade de aprender coisas novas; a busca da força da amizade, fugir da depressão e solidão; para se integrar socialmente; participar de viagens, encontros e reuniões mensais; mais incentivo/ajudar a comunidade e desenvolver na comunidade o poder de trabalho de grupo. Conclui-se que para as mulheres é muito importante o lazer, a integração, interagir com os outros. Os encontros, as reuniões e a própria organização do grupo, proporcionam várias possibilidades

como acesso ao conhecimento, trocas de experiências, que fora do grupo seriam impossíveis ou mais difíceis de acontecer.

Por ocasião da participação do grupo no IV Encontro Municipal de Mulheres Rurais, no qual todos os grupos se integraram na “Dinâmica de Desafios¹⁷”, uma “Reflexão - Problematização” sobre o papel das mulheres em suas comunidades, o grupo Raios de Sol percebeu que na sua comunidade, a Colônia Itagiba, tudo estava muito parado, abandonado, sem vida. O salão estava caindo aos pedaços, os cemitérios¹⁸ com as cercas caídas, tudo cheio de inços, os arredores da capela com capim alto. Já fazia 17 anos que não acontecia mais nenhuma festa, baile e nem o Kerb de Santo Antônio, a tradicional Festa do padroeiro da comunidade. Pensaram, discutiram, chegaram a uma conclusão e decidiram realizar o Projeto: **“Lutar por mais vida na comunidade”**. O grupo definiu que precisava fazer alguma coisa na sua comunidade. A partir daí, se desenrolam diversas atividades e acontecimentos, que ano a ano modificam o modo de ser das mulheres, trazem benefícios para elas, para o grupo e para a comunidade.

Na ocasião, a dinâmica foi conduzida por uma educadora popular e cada grupo se reuniu, discutiu os problemas de sua comunidade e definiu estratégias de ação. Assim como o grupo de Colônia Itagiba, cada um dos outros grupos de mulheres assumiu publicamente, perante a assembléia, o seu “Desafio”.



Figura 8: O grupo Raios de Sol, assumindo perante o grande grupo, o seu Desafio de “Lutar por Mais vida na Comunidade”
Fonte: EMATER/Teresinha Stein, 2007

¹⁷ Dinâmica dos Desafios – são projetos comunitários que iniciaram no ano 2007, que todos os grupos de mulheres desenvolvem no transcorrer do ano em suas comunidades e as experiências são relatadas no Encontro Municipal de Mulheres Rurais do ano subsequente. EMATER SFP

¹⁸ Na comunidade de Colônia Itagiba encontram-se dois cemitérios. Um católico e outro Evangélico, cuja igreja se encontra na Comunidade de Ilha Nova, no município de Rolante, distante 5 km dali.

A partir daí, em todas as reuniões, além da realização das atividades normais que estavam planejadas, as mulheres de Colônia Itagiba se perguntavam: o que podemos fazer para dar mais vida e ânimo ao nosso lugar? Um primeiro movimento com esse objetivo foi a realização de um Bingo (Figura 10). Com o apoio da extensionista na elaboração de um planejamento e divisão compartilhada de tarefas e responsabilidades, as ações foram se concretizando, desde a arrecadação de brindes, divulgação e organização do evento, limpeza e organização do salão, lanches do dia etc.



Figura 9: Reunião de planejamento
Fonte: EMATER/Teresinha Stein, 2007



Figura 10: Realização do primeiro Bingo
Fonte: EMATER/ Teresinha Stein, 2007

O primeiro evento coletivo, onde cada integrante se comprometeu e assumiu sua parte, teve resultados bastante satisfatórios, tanto pelos lucros como pela participação do público. Isso deu segurança e mexeu com a autoestima do grupo que foi sentindo confiança para dar passos maiores.

Em outra ocasião, quando da realização de uma oficina em que foram resgatadas receitas antigas de Páscoa, decidiram fazer pacotes de Páscoa, contendo biscoitos caseiros pintados, pães de mel, ovos pintados e chocolates caseiros e doaram para as crianças da Casa de Passagem de São Francisco de Paula, demonstrando sensibilidade para com as crianças em situação de vulnerabilidade social. Organizaram duas excursões envolvendo todas as famílias da localidade e entorno; Realizaram mais um Bingo, este, porém, em benefício da sociedade, que deu resultados melhores que a primeira edição. Organizaram e definiram um dia de mutirão de limpeza na Capela, Salão, pátio e cemitérios, e para surpresa delas, os homens também compareceram e ajudaram em tudo. Depois daquele dia, a manutenção e limpeza da sede passaram a ser realizadas naturalmente, como uma rotina na comunidade.



Figura 11: Mutirão de limpeza no pátio da Igreja e Comunidade

Fonte: Janice Sperb, 2007



Figura 12: Almoço: “Kerb” de Sto. Antônio de Colônia Itagiba

Fonte: EMATER/Teresinha Stein, 2009

Para avançar mais no seu Projeto de *Lutar por Mais Vida na Comunidade*, perceberam que era realmente necessário incentivar e apoiar a construção do salão novo, que tivesse melhores condições para a realização das reuniões, festas de família e também outros eventos maiores da comunidade. O antigo salão estava em situação muito precária, com piso estragado, muitas tábuas podres, ambiente escuro, que não oferecia segurança para a realização de festas, mas os recursos financeiros eram poucos e a mão de obra também.

Ao analisar a história da comunidade, perceberam que fazia 17 anos que não aconteciam mais festas na comunidade. Decidiram então realizar um Almoço em comemoração ao “Kerb”¹⁹ (Figura 12) de Santo Antônio, ainda no salão velho. Conseguiram emprestadas louças, mesas, panelas, fogão etc. com a sociedade vizinha de Ilha Nova, e a festa deu resultados muito acima da expectativa e bons lucros, que foram totalmente destinados para a construção do salão novo. Para o grupo foi um grande exercício de superação e aprendizado. Encontro ligação em apresentar o que Freire (1998) se refere: “o homem e a mulher são os únicos seres capazes de aprender com alegria e esperança, na convicção de que a mudança é possível. Aprender é uma descoberta criadora, com abertura ao risco e a aventura do ser, pois ensinando se aprende e aprendendo se ensina” (FREIRE, 1998).

¹⁹ A festa do Kerb foi criada pelos primeiros imigrantes alemães que vieram em 1824 para o RS, para integrar suas comunidades em torno da religião. Era uma festa tradicional de Hunsrück (região da Alemanha de onde veio a maioria dos imigrantes), alguns historiadores dizem que lá era a festa da colheita. Aqui, acontecia a celebração religiosa e após, a festa era na propriedade, um grande encontro dos parentes, com farta comida, bebida e dança. Anos mais tarde, muitas festas de Kerb passaram a ser realizadas somente nos salões das comunidades. Disponível em:

<http://www.portal25.com/index.php?a=17&h=site/cab_top/cab0t21&l=1b> Acesso em: 20 jun.2011.

Com mais alguns donativos e doações de dias de trabalho, a comunidade conseguiu levantar o prédio e concluir o principal. As mulheres organizaram a festa/almoço de pré-inauguração e o lucro foi novamente destinado para custear despesas pendentes.

Um educador social precisa estar atento ao todo que envolve um grupo, como no entendimento filosófico de Deleuze e Guattari, que concebem o processo de construção dos saberes de forma holística, que se dá a partir de encontros, no ato de apropriação de outras idéias já criadas e a valorização do que é vivido individualmente, uma perspectiva rizomática que aponta para a multiplicidade (Khouri, 1995)²⁰. Era preciso compreender o estado de desânimo decorrente do processo de decadência da comunidade, o estado de estagnação e letargia que “contaminava tudo”. Elas já haviam desaprendido a tomar iniciativas, como planejar, organizar e motivar os outros a participar, como realizar um pequeno evento que fosse. Mesmo na incerteza dos resultados desse movimento, foram buscar experiência no passado da comunidade, nas comunidades vizinhas, mas principalmente, no diálogo e nas trocas de experiências de cada integrante do grupo e assim criaram algo novo.

Disso, inesperadamente surgiram muitos apoios, principalmente financeiros e de participação efetiva, de famílias de comunidades vizinhas e de famílias que haviam ido embora do lugar em anos passados.



Figura 13: O salão velho de Colônia Itagiba
Fonte: Janice Sperb, 2008



Figura14: Salão novo de Colônia Itagiba em construção
Fonte: Janice Sperb, 2010

Compreende-se este processo de transformações no cotidiano e no contexto daquelas mulheres na esteira daquilo que se refere a Pedagogia “rizomática” de Deleuze e Guattari

²⁰ KHOURI, Mauro Michel EL. Rizoma e Educação: Contribuições de Deleuze e Guattari, 1995. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/198.%20rizoma%20e%20educa%C7%30.pdf> Acesso em: 24 jul.2011.

(1995), de característica transversal, que leva à micro “revoluções” de educação. Ao questionar se havia ocorrido alguma mudança na comunidade desde a formação do grupo, as mulheres do mesmo explicaram que:

a) Aconteceu, a construção do salão novo. As pessoas se animaram mais pra fazê alguma coisa.

b) Mudou bem bastante.... como tava tudo meio parado antes...fazia 17 anos que eles não fazia mais a Festa do kerb da comunidade. A gente ajuda eles (a comissão da capela católica da comunidade) e eles nos ajudam.

c) Sim. As pessoas passaram a se empenhar em aprender coisas diferentes além de suas atividades rurais. (2011, Anexo IV)

A pesar de ter um número de associados muito reduzido, a comunidade católica de Colônia Itagiba, com o apoio decisivo do Grupo das mulheres conseguiu tornar realidade uma idéia que vinha sendo protelada à muitos anos: a construção de seu salão novo.



Figura 15: Grupo Raios de Sol organizando o Almoço de Pré-Inauguração
Fonte: EMATER/ Teresinha Stein, out.2010



Figura 16: Vista interna do salão novo de C. Itagiba com presença de grande público, no 1º Almoço.
Fonte: EMATER/Teresinha Stein, out. 2010

A média de idade das mulheres é bastante avançada e mesmo assim, todas se engajaram nas atividades definidas pelo grupo, demonstrando total comprometimento. O ponto forte que permanece hoje na comunidade são os costumes, o envolvimento com o grupo social e a preservação das tradições.

É uma necessidade o extensionista - educador conhecer a realidade em que opera, o sistema de forças que enfrenta e ter claro o que pode ser feito em um determinado momento (Freire, 1982), que deve ser um mediador, refletindo e problematizando em constante diálogo. A organização de um grupo de mulheres foi o objetivo que de início a comunidade de Colônia Itagiba buscou. A partir da organização desse grupo, porém, desencadearam-se uma série de mudanças que ocorreram na comunidade, transformações que podemos associar a um processo de educação não formal. Além de proporcionar importante espaço de lazer, integração e provocar melhorias de infraestrutura sócio comunitária, aconteceram

modificações nas relações entre os moradores da localidade, de maior proximidade, antes nunca experimentadas. Fazendo parte do grupo, elas passaram a se sentir valorizadas pelos apoios, pela possibilidade de intercâmbio com outros indivíduos, por ter um espaço específico de mulheres onde pudessem se expressar, que as fez perceber a sua capacidade de superação e de realização do antes nunca pensado.

A extensão rural, com essa estratégia de organização, promoveu a participação e a inclusão, que se traduz em equidade e empoderamento, que promoveu o crescimento social das mulheres, viabilizou o envolvimento das famílias da localidade e o desenvolvimento de atividades que favoreceram a melhoria da qualidade de vida nesta comunidade. Assim, ao fazer um apanhado geral sobre essa reflexão, relacionou-se essas ações ao pensamento de Gallo (2008), que diz que a chave do professor “militante” é sempre uma construção coletiva, um professor que vive “as misérias” de seus alunos, neste caso, uma comunidade envelhecida e sem vida, que dentro desse nível de miséria e dentro dessas possibilidades, buscou construir coletivamente. (GALLO, 2008, p.61).

Assim, a professora/extensionista ao se envolver e junto com as mulheres refletir sobre o que afligia o grupo Raios de Sol, consegue construir coletivamente algumas possibilidades concretas, etapas que gradualmente foram sendo vencidas e sucessivamente ampliadas. Como foi constatado na organização de mutirões e festas, numa comunidade que estava desarticulada, parada e sem ação por muitos anos. O grupo foi movido por atitudes de comprometimento e se superou firmemente, nas várias ações que foram sendo desenvolvidas. Um processo inicial de entendimento coletivo dentro do grupo e a partir de pequenas ações que foi se expandindo para toda a comunidade, concretizando as “micro revoluções”, que geraram o bem estar das mulheres e de famílias da comunidade, resultados que visualiza-se como um processo de educação não formal.

Refletindo sobre os resultados da pesquisa, constatou-se que os grupos de mulheres são espaços de educação não formal, que ocorre fora do sistema escolar, mas que intencionalmente tem seus objetivos, no caso, da ATER. Ao desenvolver no âmbito dos grupos, atitudes educativas baseadas nas relações de confiança, sinceridade, postura dialógica, ao possibilitar a aprendizagem da simples reflexão, da livre expressão, do exercício da tomada de decisões, gerou-se movimentos em direção do imprevisível. Ações que contribuíram para atitudes corajosas de transformação – uma educação transformadora.

3 A EXTENSÃO RURAL EM SÃO FRANCISCO DE PAULA E AS AÇÕES SOCIAIS

Camarano e Abramoway (1999) constataram que, após os anos 1970, intensificaram-se as mudanças no padrão tecnológico da agropecuária brasileira, o que se refletiu em várias dimensões no meio rural, dentre as quais o êxodo rural. Os mesmos autores, no início dos anos 1990, afirmam que ainda acontecia esse deslocamento, sendo intensa a redução dos postos de trabalho agrícola nessa década, um fator que reforçou esse movimento. Ocorreu, nessa década, um novo ciclo de inovação tecnológica, no qual os equipamentos agrícolas substituíam a mão de obra, como consequência da redução da mão de obra agrícola em muitas regiões do Brasil e o esvaziamento de muitas comunidades rurais.

Na década de 1970, com a extensão rural, surge uma política de concepção de formação de agricultores e agricultoras orientada por fundamentos de desigualdades sociais, os quais ressaltavam as diferenças dos papéis e das relações sociais entre agricultores e agricultoras, que era evidente dentro da própria instituição, com os extensionistas da área econômica (geralmente exercido por um técnico das ciências agrárias), que é responsável pelo setor da produção, da comercialização, das tecnologias modernas e a extensionista social (papel exercido por pedagogas, nutricionistas, assistentes sociais...), responsáveis pelos temas ligados ao lar, que em muitos dos casos ainda persiste.

Entretanto, no período do final da ditadura militar, com a renovação dos movimentos sociais e das idéias neoliberais, a movimentação política direcionada ao desenvolvimento local passou a valorizar a participação popular na formulação e construção de políticas públicas. Nesse período também acontece uma mudança no modo de fazer extensão rural.

Nos anos 1990, com o governo Collor de Mello, seguindo as idéias neoliberais (redução do estado), é extinta a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural, EMBRATER. A desestruturação desse sistema nacional, resultou num desamparo às atividades de extensão, que ficaram “à solta” nos estados, período em que na maior parte as instituições estaduais foram eliminadas ou aglutinadas à órgãos governamentais. Em alguns estados, como no Rio Grande do Sul, a extensão resistiu e sobreviveu, graças a versatilidade dos extensionistas e das práticas vivenciadas por eles. A entidade soube se renovar sob uma nova significação: o da extensão rural na perspectiva do desenvolvimento local. Como fruto do repensar da extensão rural, a nova estratégia passa a ser a busca do desenvolvimento a partir do local, com participação, integração e a partir dos atores sociais envolvidos, uma postura fundamental para superar os problemas de exclusão social e da condição de

fragilidade das organizações sociais provocados pelos contraditórios processos de modernização (CALLOU, 2006, p.2).

Ao longo dos anos, a EMATER veio passando por transformações, fruto de movimentos do repensar da extensão rural, e em 2002, lançou o novo Marco Referencial para as Ações Sociais, com ênfase nas metodologias participativas (SILIPRANDI, 2002). As rápidas mudanças que ocorrem no meio rural são desafiadoras, pois exigem uma mudança da postura da extensão rural e também de um paradigma de desenvolvimento, no qual o modelo tecnológico sempre foi principal, para um outro modelo, que parte da organização social em direção ao empoderamento dos agricultores e agricultoras.

Uma nova postura da extensão rural pública fica evidenciada com a elaboração e publicação do Marco Referencial para as Ações Sociais de ATER, inicialmente publicado em 2002. Neste documento, sobre as diretrizes em relação ao trabalho com grupos de mulheres, consta:

Os segmentos organizados das mulheres rurais também se colocam de forma distinta da tradicional, não mais como participantes subordinadas das unidades familiares, mas buscando conquistar uma maior autonomia pessoal e profissional, questionando as relações tradicionais entre os gêneros, e, com isso, problematizando a forma como a sociedade em geral as tratou ao longo do tempo. São questões desafiadoras para uma extensão rural, que deve adaptar seus pressupostos e construir novos caminhos a partir da experiência já trilhada (EMATER-RS/ASCAR, 2006, p. 21).

Nos últimos anos, houve uma opção da extensão rural por um trabalho mais direcionado aos agricultores familiares e aos assentados da reforma agrária, objetivando prioritariamente a promoção de processos sustentáveis de desenvolvimento, da ampliação da cidadania nas áreas rurais e com destaque para a agroecologia, definindo como secundária a difusão de tecnologias.

Pelo lado dos extensionistas rurais, muitos concordam com a nova filosofia da empresa, porém, há dificuldades em abandonar o modelo tecnicista, da transmissão unilateral das informações para uma outra postura, a de “agente de desenvolvimento”, que deve provocar um processo de organização e autonomia das comunidades.

As profissionais mulheres que atuavam na extensão rural em anos passados, organizavam grupos de mulheres (grupos do lar), com os quais desenvolviam atividades de saúde, alimentação, saneamento básico, a organização, a socialização através do lazer e troca de experiências. Atualmente, muitas delas sentem dificuldades ao se verem pressionadas, por exemplo, a desenvolver projetos de geração de renda a partir do processamento caseiro dos alimentos, transformando-os em agroindústrias, fonte de renda para as famílias das comunidades rurais. O trabalho usual com grupos de mulheres, que tinha a finalidade

principal de proporcionar a socialização e organização, através da qual eram desenvolvidas ações educativas em diversas áreas (higiene, saúde, nutrição, saneamento) e também de propiciar o lazer e a troca de experiências, tende a ser relegado a segundo plano. Uma parte dos extensionistas (existem alguns profissionais masculinos) da área social se vêem questionados diante dessas mudanças, já que a própria necessidade de organizar núcleos exclusivos de mulheres está sendo questionada, sendo por vezes julgados profissionalmente inferiores, já que frequentemente esse trabalho com mulheres é desvalorizado e tratado como menos importante (SILIPRANDI, 2002).

Assumindo papel acentuado na construção e implementação de políticas públicas, a extensão rural (EMATER,) vem prestando esforços no sentido de minimizar as desigualdades de gênero que se somam a outras problemáticas sociais do setor rural gaúcho.

3.1 EXTENSÃO RURAL PÚBLICA EM SÃO FRANCISCO DE PAULA

No município de São Francisco de Paula, o convênio entre o município e a Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (ASCAR), para execução de um programa de Extensão Rural, teve início em 17 de agosto de 1972, com a vinda da primeira equipe de técnicos. Com o processo de incorporação da ASCAR pela Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER/RS foi celebrado um novo convênio em 13 de abril de 1982, visando à transferência de tecnologia agropecuária e gerencial aos produtores rurais.

No início dos anos 1980, através da extensão rural, teve início no município o trabalho com grupos de mulheres - os Grupos do Lar, atividade que foi abandonada assim que a extensionista deixou a equipe. No ano 2001, com a adesão de uma técnica de Bem Estar Social à equipe, essa atividade organizativa foi retomada, com a organização de oito grupos de mulheres rurais. A partir do ano 2006, foram organizados mais seis grupos, somando atualmente catorze, os quais de forma geral, fazem parte desse estudo.

Os Grupos de Mulheres em questão, encontram-se distribuídos por todo município: Lajeado Grande, Pedra Lisa, Cazusa Ferreira, Cedro, Lava-Pé, Juá, Fazenda Velha, Aratinga, Tainhas, Boa Vista, Recosta, Campestre do Tigre, Samambaia e Colônia Itagiba. Localizam-se, tanto na região de campo, onde predomina a pecuária de corte e acontece o avanço da silvicultura e do cultivo de olerícolas em larga escala, como nas áreas de encosta, em região

de minifúndios, onde as atividades em destaque são a silvicultura de acácia, a diversificação da agricultura, com fruticultura, hortigranjeiros, alguns empreendimentos de Turismo Rural, sítios de lazer e culturas de subsistência. Cada núcleo organizado apresenta diferentes demandas, níveis diferenciados de organização, de integração comunitária e de autonomia (EMATER, 2011).

3.2 RELAÇÕES EMATER E GRUPOS DE MULHERES

Como política de relação de gênero, o trabalho da área social, dentro da nova postura da extensão rural, tem desenvolvido propostas para tornar mínimas as desigualdades entre os gêneros, masculino e feminino, através de incentivos, entre outros: de continuar apoiando a participação da mulher em grupos, associações, clubes, sindicatos, cooperativas, comissões, conselhos, a fim de promover a interação social e a discussão e defesa de seus interesses e necessidades; apoiar a sua auto organização na busca de seus direitos; promover a formação em relação as diferenças de gênero, além dos beneficiários, também internamente, entre os técnicos. A estratégia é balizar as ações pelo conceito de desenvolvimento, que deve agregar eficiência social à eficiência econômica. Assim, a responsabilidade sobre as Ações Sociais é colocada como um desafio, onde é sugerido que estas passem a ser consideradas como um todo e de toda equipe do escritório municipal, não mais somente da técnica de Bem Estar Social (Marco Referencial Para as Ações Sociais da EMATER/RS-ASCAR, 2006, p.31).

Questionado sobre a disposição em trabalhar com o público - mulheres, e como sugestões para melhorar, o engenheiro agrônomo da EMATER, Luiz Gonzaga Pereira Messias, diz:

No trabalho de extensão rural, os grupos de mulheres fazem parte do nosso público... organizar ainda mais as comunidades rurais, dando maior ênfase à participação das famílias e em especial as mulheres na organização e desenvolvimento das atividades. (Anexo IV).

No trabalho de extensão rural com mulheres, a maior dificuldade citada, são as grandes distâncias das comunidades rurais em relação à sede, por isso, estrategicamente, os principais métodos de trabalho utilizados têm sido: encontros, reuniões, demonstrações de método, priorizando ações com grupos, mas também são realizadas visitas às propriedades e contatos. Discorrendo sobre a percepção do trabalho com mulheres, o técnico as considera

uma força expressiva na produção agropecuária do município e afirma que elas, em termos de organização, superam os homens. (Anexo IV).

A percepção das entrevistadas do grupo pesquisado, em relação a autoestima e valorização das mulheres, é de que através do grupo tem apoios da entidade religiosa da comunidade e da EMATER e se sentem bem por que através de sua organização lhes é proporcionado, além das próprias reuniões na comunidade, participar dos Encontros Municipais de Mulheres Rurais²¹, excursões, reuniões técnicas nas propriedades da localidade e eventos como A Festa do Pinhão – Espaço dos produtos da Terra²².

a) Os encontros de mulheres de todo ano, as reuniões mensais... e por que a gente tem apoios.

b) Eu acho... as reuniões, os passeios, os encontros... pelo menos eu me sinto muito melhor.

c) As mulheres se sentem mais valorizadas já por ser um grupo de “mulheres” e elas vêem que são capazes de fazer muitas coisas que até então elas achavam que não poderiam fazer (Anexo III).

Quando elas citam que perceberam que juntas, aprendendo umas com as outras e se apoiando mutuamente, são capazes de fazer muitas coisas que não se consideravam capazes de fazer, elas se referem principalmente aos eventos que realizaram na comunidade, à valorização do seu modo de vida, de sua cultura e as mudanças que ocorreram na comunidade, a partir da mobilização delas.



Figura 17: Mulher Destaque do Grupo Raios de Sol - Tema: Cultura alemã – V Encontro M. de Mulheres Rurais - Recosta²³

Fonte: EMATER/ Marione Marques, 2008



Figura 18: Apresentação do “Desafio” do Grupo Raios de Sol - VI Enc. M. Mulheres Rurais - Juá

Fonte: EMATER/Valmor Dalpiaz, 2009

²¹ Os Encontros Municipais de Mulheres Rurais do município de São Francisco de Paula acontecem anualmente, sempre em uma comunidade diferente, onde exista um Grupo de mulheres organizado, que é anfitrião e organiza o evento junto com a EMATER e outras entidades existentes na localidade. O encontro normalmente tem o apoio de entidades como prefeitura e sindicatos, EMATER SFP.

²² O espaço dos Produtos da Terra é um espaço com infraestrutura específica e organizado junto à Festa do Pinhão de São Francisco de Paula. É destinado às comunidades rurais, aos agricultores e pecuaristas familiares do município que queiram comercializar seus produtos diretamente ao consumidor. É organizado pela secretaria Municipal da Agricultura e EMATER.

²³ Comunidade da Recosta sediou o V Encontro Municipal de Mulheres Rurais, organizado pela EMATER, Grupo de Mulheres Cruzeiro do Sul e Comunidade Católica. (EMATER SFP)

Uma mostra desse aprendizado as mulheres demonstram nos Encontros Municipais de Mulheres Rurais. Os exercícios constantes da expressão da oralidade, da declaração de suas idéias, do diálogo no âmbito do grupo, habilitam as mulheres a se pronunciar sem receio diante de um grande público, como mostra a figura 18, em que a equipe do Grupo Raios de Sol está apresentando os avanços de seu “Desafio” e os próximos passos que elas pretendem dar. Assim também a consciência do valor de suas raízes e de sua cultura, propiciam a melhora da autoestima e o gosto de mostrar publicamente, como mostra a figura 17, no desfile da Mulher Rural Destaque, em que a representante do grupo Raios de Sol está demonstrando com orgulho, um pouco daquilo que faz parte de seu mundo.

Outra manifestação desse aprendizado ficou demonstrada com a participação de mulheres do grupo Raios de Sol de Colônia Itagiba, no Espaço dos Produtos da Terra, durante a Festa do Pinhão. Ali, comercializaram as tradicionais cucas alemãs assadas nos fornos de barro, bolos de manteiga e biscoitos pintados, típicos da cultura alemã.



Figura: 19, 20 e 21: Colônia Itagiba na Festa do Pinhão, edição 2010 e 2011
Fonte: EMATER/Teresinha Stein

Analisando esse fato sob um olhar freireano de educação não formal, a participação das mulheres de Colônia Itagiba no Espaço dos Produtos da Terra, não tem sido apenas uma ação de comercializar produtos, constitui-se num momento e num lugar de educação e cultura. Momentos em que revivem os conhecimentos herdados dos antepassados, se afirmam como identidade cultural, se congregam com agricultores de diversas localidades do município e estabelecem laços de sociabilidade.

Esse sentimento de ter mais autoestima, de se sentirem mais valorizadas pela participação em grupos de mulheres, também foi constatado nos outros grupos de mulheres do município, tanto pelas observações diretas, como pelo questionário, em que 72% concordam plenamente e 12 % concorda na maior parte com essa afirmação. Segundo Freire (1997) a aprendizagem acontece no diálogo entre pessoas, numa comunicação que toca os indivíduos:

A educação é ideológica, mas dialogante e atenta, para que se possa estabelecer a autêntica comunicação da aprendizagem, entre gente, com alma, sentimentos e emoções, desejos e sonhos. A sua pedagogia é "fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando"(FREIRE, 1997, p.11).

Nos resultados da pesquisa, nas respostas espontâneas, constatou-se que na questão que questionava sobre quais atividades são realizadas nos grupos, em sua imensa maioria, as mulheres citaram as atividades ligadas ao lar como: artesanatos em geral, culinária, dicas de saúde e bem estar, remédios caseiros, chás e higiene, que demonstra serem esses assuntos que mais as marcaram.

Por outro lado, essas questões são alicerce da atuação da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER). Tem como foco a educação em saúde, porém integrando-se às demais atividades, de forma que a população se aproprie de conhecimentos sobre os processos saúde/doença, para que construam de forma ativa sua saúde e qualidade de vida. (EMATER, 2006, p. 50).

Assim, a ATER quando propõe e desenvolve essas atividades diversificadas, tem como intencionalidade maior, construir junto com os agricultores, saúde e bem estar da população rural. Com artesanato, procura resgatar e valorizar o tradicional, o típico regional étnico, e contemporâneo e as habilidades manuais, tanto visando a saúde mental, social e cultural, como uma atividade que possa gerar renda. Por essas razões todas, o artesanato exerce um grande fascínio sobre as mulheres e por isso também é utilizado pela extensão como meio para discutir questões mais estratégicas, como turismo rural, gestão ambiental, resgate e preservação cultural, desenvolvimento local e sustentabilidade etc.

Da mesma maneira, ao trabalhar culinária, são discutidas questões mais amplas, com enfoque em segurança e soberania alimentar, que envolve desde educação alimentar, aproveitamento máximo e combate ao desperdício, acesso ao alimento, produção para o autoconsumo (figura 22), qualidade do alimento (Figura 23), cidadania alimentar e resgate e preservação da cultura alimentar e biodiversidade local.



Figura 22: Poda e tratamento de inverno em pomar

Fonte: EMATER/Teresinha Stein, 2008



Figura 23: Oficina de preparo de conservas

Fonte: EMATER/Teresinha Stein, 2009

De igual modo, ao serem desenvolvidos assuntos como chás, remédios caseiros, dicas de saúde, higiene etc., isso é realizado através de uma atuação interdisciplinar, ações de promoção e educação em saúde, procurando-se estabelecer um processo de autonomia da população, de pessoas que assumem e se tornam sujeitos da sua própria saúde, do seu bem estar, da sua qualidade de vida. (EMATER, p. 49 -76)

Como um exemplo de educação em saúde nessa perspectiva, pode ser citada a Demonstração de Método - Uma oficina de plantas medicinais, condimentares e aromáticas, realizada com o grupo de Mulheres de Colônia Itagiba e demandada por elas no planejamento anual de atividades: O grupo organizou o local, providenciou equipamentos e todas as mulheres trouxeram os chás que conheciam. Durante a oficina todas compartilharam seus conhecimentos, dizendo os nomes das plantas, para que e como usam os chás, com quem aprenderam. A extensionista complementou as informações com os conhecimentos científicos, higiene na manipulação e preparo de remédios caseiros simples, os usos corretos, advertências, etc. Enfim, foi repassada a validação das pesquisas científicas, que tiveram início com o resgate do conhecimento popular. Também foi discutida a importância da preservação desse conhecimento popular, da preservação da biodiversidade, tanto das matas e campos como o cultivo e disseminação das plantas medicinais nas propriedades.



Figura 24: Oficina de plantas medicinais

Fonte: EMATER, 2010

De certa forma, isso lembra as reflexões de Gallo (2008), quando se refere à postura de um “educador militante”, que põe em prática uma “educação menor”, uma ação coletiva vivida com agricultoras, com pequenas ações, com uma intencionalidade, de resistência ao sistema, uma educação com uma perspectiva humanizadora, que carrega elementos de emancipação dos indivíduos – que pode ser visualizado aqui como empoderamento.

Analisando o processo de educação que se desencadeou nas atividades cotidianas da extensão rural desenvolvidas com o grupo de mulheres Raios de Sol de Colônia Itagiba, visualizou-se alguns aspectos das idéias contidas no texto de Gallo (2008), sobre a relação da educação e a filosofia de Deleuze e Guatari. Pôde-se constatar as “micro revoluções” que sucessivamente foram se ampliando, a partir de pequenas ações, brechas que foram sendo abertas e fazendo emergir várias possibilidades, abastecendo o grupo de otimismo e auto confiança, que acabou se expandindo para toda a comunidade.

Para o autor, uma “educação menor” sempre adquire um valor coletivo, é a que cria trincheiras a partir das quais se promovem as relações diretas entre os indivíduos, que por sua vez exercem efeitos sobre as macro relações sociais, viabilizando novas conexões, que fogem do controle. Para ele, a função da educação na atualidade é a de contribuir para a formação de um sujeito que cria e que estabelece formas de organização social, que participa ativamente da produção do pensamento e da realidade que o indivíduo está imerso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde ser constatado na pesquisa, os objetivos do trabalho da extensão rural foram se modificando com o passar dos anos e atualmente a EMATER-RS/ASCAR tem como foco principal a busca por um desenvolvimento harmonioso que contemple os aspectos econômicos, sociais e ambientais, com o intuito de proporcionar uma melhor qualidade de vida para as famílias rurais do município. Uma proposta de trabalho que procura respeitar a cultura local, tentando desenvolver atividades que sejam da inclinação da população.

A atuação da extensão rural têm se dado a partir das necessidades que as comunidades apresentam (é feito um planejamento participativo) e é a partir delas que é definido o plano de trabalho, em conjunto com diversas entidades. Dessa forma, os resultados alcançados não se devem somente à EMATER-RS-ASCAR, mas são fruto da conjugação de esforços com diferentes instituições e pessoas, que potencializam os recursos disponíveis para o desenvolvimento das ações de assistência técnica e extensão rural no município.

Como estratégias para atingir o maior público possível, a equipe municipal sempre prioriza o trabalho com grupos, através de reuniões, que são realizadas periodicamente nas comunidades rurais. Por ser um município muito extenso e ter comunidades muito distantes da sede, 80 km em média, a equipe técnica normalmente almoça com uma das famílias da localidade em que ocorrerá a reunião, momento em que aproveita também para visitar a propriedade, conhecer o sistema produtivo, acompanhar o andamento de projetos e trocar idéias com a família. Assim, a visita torna-se um método eficiente, principalmente quando é solicitada pela família. É o momento em que se conhece a realidade concreta que vive o agricultor.

As reuniões e demonstrações de método, que anos passados serviam para “transmitir” tecnologia, conhecimentos, atualmente são práticas em que também se troca conhecimentos, a partir do que foi demandado pelos (as) agricultores (as) e cada participante tem uma tarefa pré-estabelecida, negociada. Relacionando às teorias de Paulo Freire, o conhecimento não se dá mais numa concepção bancária (o extensionista deposita os conhecimentos e o agricultor é o depositário), mas sim compartilhado, numa relação dialógica de respeito e troca de conhecimentos, que gera o novo.

A proposição das atividades a serem realizadas nos grupos de mulheres é feita de forma participativa, o que ficou demonstrado na pesquisa (anexo I e II). Esse resultado

evidenciou que há uma postura de diálogo por parte do extensionista, sendo utilizada uma metodologia participativa, pois as mulheres definem suas prioridades.

O trabalho social com os grupos de mulheres, majoritariamente continua sendo exercido por uma Professora - Técnica de Bem Estar Social, como os encontros mensais. Em muitos momentos, porém, passou a ser realizado pela equipe, abrangendo especialmente atividades de gestão ambiental e produção. Isso acontece principalmente por que é uma necessidade a divisão de tarefas, onde cada técnico assume a responsabilidade de determinadas funções, muitas atividades, porém, são assumidas por todos, quando há necessidade. Como por exemplo, a participação efetiva dos técnicos “homens” na organização dos Encontros Municipais de Mulheres Rurais, no trabalho com pomar e horta doméstica, no projeto de qualificação e certificação do queijo artesanal serrano, etc.

As ações sociais da extensão rural não devem estar dissociadas de um contexto geral de desenvolvimento. E por desenvolvimento se entende aqui, é quando existe o bem estar social, quando é respeitado o modo de vida da população, quando as pessoas são felizes. Assim, o desenvolvimento deve ser sustentável, incluindo a eficiência social e econômica, que se concretiza na medida em acontece a promoção da cidadania e organização social, a educação e promoção da saúde, segurança e soberania alimentar, geração de renda e a gestão equilibrada do ambiente, através de processos sócio educativos.

A situação atual das comunidades rurais do município de São Francisco de Paula, no geral, nos mostra um esvaziamento decorrente do êxodo rural, que foi acontecendo nos últimos 50 anos e atualmente, contamos com uma população cada vez mais envelhecida e masculinizada. A extensão tem esse propósito de promover o desenvolvimento local, mas as pessoas que se encontram nesse espaço rural, estão isoladas e desarticuladas e uma forma de superação poderá ser conquistada através da organização dos agricultores.

Desse modo, o trabalho de organização do grupo de mulheres, teve na ação extensionista uma intencionalidade: constituir o início de um capital social na comunidade, através de uma forma organizativa, como por exemplo, na Comunidade de Colônia Itagiba. Para que fosse possível restaurar alguma vitalidade nesta comunidade marcada pelo forte êxodo rural, envelhecimento da população e desarticulação comunitária foi preciso construir um espaço em que se pudesse promover o bem estar: a educação através da organização de um grupo de mulheres.

A educação foi aqui neste trabalho entendida como a função maior de formar para a cidadania, para que as pessoas dessa comunidade fossem em busca de um objetivo em comum e pudessem se sentir bem. Para elas, se sentir bem era buscar ter mais vida na comunidade. O

processo de mudanças desencadeou-se a partir de uma reflexão sobre o que as mulheres queriam na sua comunidade, sobre o que as incomodava e o que elas poderiam fazer para superar tal situação. Assim, a ação extensionista foi a de, com elas refletir, com elas decidir e com elas agir na transformação, que foi se concretizando nos sucessivos acontecimentos de Colônia Itagiba. Elas seguiram em busca de seus objetivos, numa avaliação e replanejamento constantes, no diálogo, nas trocas de saberes, nos apoios mútuos e nos apoios mais amplos que foram conquistando.

O mesmo processo aconteceu em outros grupos de mulheres do município, que lhes rendeu grandes conquistas, transformações, de bem estar e contentamento, resultados relatados no corpo do trabalho e nos anexos. A importância das atividades dos grupos para as mulheres tem foco importante no lazer, na integração e no desenvolvimento da comunidade. A satisfação das mulheres quanto aos trabalhos desempenhados pelos grupos, são avaliados como sendo muito positivos, pelas diversas razões que constam nos anexos I, II e III.

De modo geral, analisando os resultados dessa pesquisa e relacionando-os aos conceitos sobre educação não formal e relatados no corpo do trabalho, conclui-se que a organização de grupos de mulheres e as atividades desenvolvidas com eles, podem ser compreendidas como uma forma de educação, uma educação não formal e transformadora, um fator importante na contribuição para o desenvolvimento local.

Ao analisar como foi organizado o grupo de mulheres, constatou-se que esse espaço coletivo concretizou-se a partir dos anseios das mulheres da comunidade, que foram em busca do que desejavam. A professora - Técnica de Bem Estar Social promoveu a integração das idéias de todas e construiu com elas algumas propostas mínimas de colaboração, de comprometimento e de organização. Com o transcorrer dos encontros, as ações a serem desenvolvidas foram sendo pensadas com elas, num planejamento que foi sendo constantemente avaliado e replanejado. A postura dos extensionistas foi de diálogo, de ouvir e de propor, numa relação horizontal, de “troca” e de respeito mútuos. A formação dos profissionais que desenvolveram atividades com os grupos estudados era composto por uma professora - Técnica de Bem Estar Social, e eventualmente, dois profissionais das ciências agrárias (Engenheiro Agrônomo e Técnico Agrícola) e uma Auxiliar Administrativa. Um número de profissionais que considera-se muito aquém do necessário e desejável, em vista da grande extensão do município e das demandas de trabalho existentes.

Ao finalizar as análises desse trabalho de conclusão sobre as atividades desenvolvidas com grupos de mulheres rurais e ao sintetizá-las com a teoria abordada por Gallo (2008) na esteira filosófica de Deleuze e Guattari sobre educação, pôde-se visualizar melhor o contexto

que estava sendo pesquisado. A ação extensionista com os grupos faz lembrar a ação de um “professor militante”, que age coletivamente para “tocar a cada um dos indivíduos”, para produzir novas possibilidades. A convivência nos grupos proporcionou esses aspectos de crescimento coletivo e a partir do desabrochar gradativo das mulheres, “as micro transformações” foram acontecendo, pelo exercício da expressão das suas idéias, pelas atitudes de propor ações e compromissos, pelos seus engajamentos comunitários, que foram aos poucos transformando o modo de ser das mulheres, tanto no âmbito do grupo, como também na comunidade. As transformações puderam ser constatadas nas pesquisas, nas entrevistas e principalmente nas atividades vivenciadas junto à elas. A educação não formal com grupos de mulheres não pretende e nem pode ser a responsável pelo desenvolvimento das comunidades rurais, mas pode ser uma importante aliada e em muitos casos o “fermento” da criação de capital social, sobretudo onde esse não existe mais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Economia Aplicada**, Ribeirão Preto, v., n. 2, p.379-397, 2000. Disponível em: <http://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/12037/Abramovay_Capital_social_dos_territorios.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2010.

APOLLIN, F; EBERHART, C.; **Analisis y diagnóstico de los sistemas de producción em el médio Rural**: Guia Metodológica. Quito: CICDA/RURALTER, 1999. Disponível em: <<http://ciencialivre.pro.br/media/3f126a5cbc9ed337ffff81e8ffffd524.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2008.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**, 3ed. São Paulo: Moderna, 2006. 327p Disponível em: <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/mod/resource/index.php?id=11872>> Acesso em: 9 out. 2010

BANDEIRA, Pedro Silveira. **As Raízes Históricas do Declínio da Região Sul**. Crescimento Econômico da Região Sul do RS. Causas e Perspectivas. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística- Secretária do Planejamento e da Administração, 1994.

CALDART, R. **Por uma Educação do Campo: Traços de uma identidade em construção**. In. KOLING, E. J., CERIOLI, P., CALDART, R. S. **Educação do Campo**: identidade e políticas públicas. Brasília-DF, 2002.

CALLOU, Angelo Brás Fernandes. **Extensão Rural e Desenvolvimento Local**: significados contemporâneos, UN/ revista-vol.1,nº3: (julho 2006)

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil- Panorama dos últimos 50 anos** - IPEA – Texto Disponível em: <http://www.am.unisal.br/pos/strictoeducacao/pdf/mesa_8_texto_valeria.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2010.

Casa de Passagem. Disponível em: <<http://cmaspg.vilabol.uol.com.br/assistencia.html>>. Acesso em: 26 mar. 2011.

CORREIO DO POVO, **História do Piretro**, Porto Alegre, ANO 115, nº 32, Edição novembro 2009, Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=115&Numero=32&Caderno=0&Noticia=50142>> Acesso em: 8 jan. 2011.

EMATER. Rio Grande do Sul / ASCAR. **Marco referencial para as ações sociais da EMATER/RS-ASCAR**, 2.ed.rev.aum Porto Alegre, 2006.88 p.

EMATER-RS/ASCAR de São Francisco de Paula. **Relatório anual de atividades do escritório municipal da EMATER-RS /ASCAR de São Francisco de Paula**, 2009, 2010

Fontes oficiais de cooperação técnica e científica & tecnológica. Disponível em:
<<http://www.ambiente.sp.gov.br/fontesdecooperacao/internacional/fontes.pdf>>. Acesso em:
28 jul. 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978 (O mundo, hoje, v.21)

_____. **Extensão ou Comunicação?** Tradução Oliveira, D. R. de /Prefácio de Chonchol, J. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, 93p. (O mundo, Hoje, v.24)

_____. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, Brasil: Paz e Terra Disponível em:
<<http://www.sme.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-leituras/WEBRESENHAS/pedagogia%20da%20autonomia.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2011.

GARCIA, V. A. **O papel do social e da educação não-formal nas discussões e ações educacionais.** para discussão n^o 621, 1999. Disponível em:
<http://www.am.unisal.br/pos/stricto-educacao/pdf/mesa_8_texto_valeria.pdf>. Acesso em:
02 dez. 2010.

GUERRA, Diogo. **Seleção de Crônicas.** Disponível em:
<<http://www.jornalcontexto.com.br/Cronicas/carijo.htm>> Acesso em: 1 jul. 2011.

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Enxaimel>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

IBGE, **Resultados preliminares do universo do censo demográfico 2010.** Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 15 mai. 2011

Introdução à Imigração Alemã no Brasil. “**Kerb**” O Portal25 pergunta.
Disponível em: <http://www.portal25.com/index.php?a=17&h=site/cab_top/cab0t21&l=1b>
Acesso em: 20 jun. 2011

ISAÚ, Manoel. **Da Educação Social à Educação Sócio Comunitária e os Salesianos.** Pedagogia sócio-comunitária (salesianos). Disponível em:
<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art01_26.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2011.

KHORI, Mauro Michel EL. **Rizoma e Educação:** Contribuições de Deleuze e Guattari.
Disponível em:
<http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/198.%20rizoma%20e%20educa%C7%C3o.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2011.

KOLLING, E. J. et al. **Educação do campo: Identidade e políticas públicas.** Brasília, DF: articulação nacional, Coleção Por Uma Educação do Campo, n^o 4, 2002. Disponível em:

<www.forumeja.org.br/ec/files/Vol%204%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20do%20Campo.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2009.

LINO, M. R. O. **Métodos estatísticos I**. Departamento de Ciências Contábeis/ UFSC. 2.ed.rev. atual- Florianópolis, 2010.

MACHADO, E. M. **A pedagogia social: diálogos e fronteiras com a educação não-formal e educação sócio comunitária**. Disponível em: <http://www.am.unisal.br/pos/strictoeducacao/pdf/mesa_8_texto_evelcy.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2011.

MEDINA, N. M., SANTOS, E. da C. **Educação Ambiental, uma metodologia participativa de formação**. Coleção Educação Ambiental, 231 p., Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2000.

MENEGETTI, Gilmar A (s/d) **Desenvolvimento, sustentabilidade e agricultura familiar**. Disponível em: <http://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/941/DESENVOLVIMENTO_SUSTENTABILIDADE_E_AGRICULTURA_FAMILIAR.htm>. Acesso em: 3 mai.2008

MORAES, José Damiro. **Anarquismo no currículo**. Disponível em: <<http://revistadehistoria.com.br/secao/educacao/anarquismo-no-curriculo>>. Acesso em: 30 abr. 2011

Propostas de diretrizes operacionais para a educação rural no Brasil. Disponível em: <http://www.contag.org.br/imagens/f301Elaboracao_das_%20Diretrizes_%20Educacao_do%20Campo.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2009.

RICHTER, M. **Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento sustentável de São Francisco de Paula: um plano de ação preliminar**. Martha Richter (org.). – Porto Alegre: EDIPUC, 1998.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Os Processos de globalização*, in:Santos,Boaventura de Souza(org). *A Globalização e as Ciências Sociais*:Cortez, p.37-38. 2 ed. São Paulo. 2002.

SILIPRANDI, Emma. **Desafios para a extensão rural: o "social" na transição agroecológica. Agroecol.e Desenv.Rur.Sustent.**, Porto Alegre, Rs, v. 3, n. 3, p.38-48, 2002. Jul./set. Disponível em: < <http://www.mda.gov.br/o/886077>>. Acesso em: 7 dez. 2010

SILVIO, Gallo. **Deleuze & a educação/Silvio Gallo**. -2.ed. -Belo Horizonte: Autêntica,2008. 104 p. (Pensadores & Educação, 8) ISBN 978-85-7526-100-2
1.Filosofia. I.Educação. I. Título. II. Série.

STRECK, Edemar Valdir et al. **Solos do Rio Grande do sul**. 2.ed. Porto Alegre: EMATER/RS, 2009, 222p.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. (1996) **“Raízes históricas do campesinato brasileiro”**. XX Encontro anual da ANPOCS, Caxambu, MG, outubro, 18 p. Disponível em: <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/941/nazareth96-1.pdf>>. Acesso em: 8 mai. 2008.

ANEXOS

ANEXO I – Modelo questionário aplicado com mulheres integrantes de todos os grupos e resumo dos dados.

Questionário para mulheres integrantes de grupos:		
1)Estado civil		
<input type="checkbox"/> Solteira	<input type="checkbox"/> Casada	<input type="checkbox"/> Separada <input type="checkbox"/> Viúva
2)Idade		
3)Escolaridade (marque um x no quadrinho)		
Não sabe ler <input type="checkbox"/>	Fundamental incompleto <input type="checkbox"/>	Fundamental completo <input type="checkbox"/>
E. Médio incompleto <input type="checkbox"/>	E. Médio incompleto <input type="checkbox"/>	E. técnico Incompleto <input type="checkbox"/>
E. técnico completo <input type="checkbox"/>	E. Superior Incompleto <input type="checkbox"/>	E. superior completo <input type="checkbox"/>
Pós- Graduação <input type="checkbox"/>		

Assinale com um “x” cada uma das proposições, escolha somente uma opção na tabela abaixo.

	Concordo plenamente	Concordo na maior parte	Concordo pouco	Não concordo	Não sei
4)Participar do grupo proporciona maior consciência dos direitos e do valor da mulher					
5)No grupo temos oportunidade de desenvolver novas ocupações que podem gerar renda, como artesanato, eventos e turismo					
6) O planejamento das atividades a serem desenvolvidas no grupo são definidas pelas participantes					
7) O grupo aprendemos a ser solidárias, a dividir tarefas e responsabilidades que objetivam conquistar benefícios para todas					
8) Participar no grupo nos proporciona mais oportunidades de lazer e divertimento					
9) A participação no grupo de mulheres proporciona o					

desenvolvimento social, cultural e a troca de experiências					
10) Através da nossa organização desenvolvemos atividades de educação e promoção da saúde, como alimentação saudável, usos das plantas medicinais					
11) O grupo realiza ações, apóia e auxilia nas atividades comunitárias que promovem melhorias na comunidade					
12) No grupo desenvolvemos uma compreensão crítica e global do meio ambiente que nos permite adotar ações de conservação da natureza e combate ao consumismo desenfreado					

Resumo dos dados – questões fechadas do questionário geral aplicado com 57 mulheres, de todos os grupos de mulheres do município.

1) Estado civil:

- solteiras – 5
- casadas – 48
- viúvas – 4
- separadas – 0

2) Idade:

- 18-30 anos – 8
- 31-40 anos – 8
- 41-50 anos – 7
- 51-60 anos – 18
- 61-70 anos – 10
- 71-80 anos – 6

3) Escolaridade:

- Não sabe ler – 0
- Fund. Incompleto – 22
- Fundamental completo – 9
- Médio Incompleto – 2
- Médio completo -14
- Técnico incompleto – 0
- Técnico Completo – 5

- Superior. Incompleto – 3
- Superior Completo – 1
- Pós Graduação – 1

4) Participar do grupo proporciona maior consciência dos direitos e do valor da mulher.

- Concorda plenamente – 38
- Concorda na maior parte – 11
- Concorda pouco – 3
- Não concorda - 1
- Não sabe – 0

5) No grupo temos oportunidade de desenvolver novas ocupações que podem gerar renda, como artesanato, eventos e turismo, etc.

- Concorda plenamente – 31
- Concorda na maior parte – 17
- Concorda pouco – 1
- Não concorda – 2
- Não sabe – 2

6) O planejamento das atividades a serem desenvolvidas no grupo são definidas pelas participantes

- Concorda plenamente – 35
- Concorda na maior parte – 16
- Concorda pouco – 2
- Não concorda – 0
- Não sabe – 0

7) o grupo aprendemos a ser solidárias, a dividir tarefas e responsabilidades que objetivam conquistar benefícios para todas.

- Concorda plenamente – 36
- Concorda na maior parte – 9
- Concorda pouco – 5
- Não concorda – 1
- Não sabe – 1

8) Participar no grupo nos proporciona mais oportunidades de lazer e divertimento.

- Concorda plenamente - 38
- Concorda na maior parte – 10
- Concorda pouco – 3
- Não concorda – 2
- Não sabe – 0

9) A participação no grupo de mulheres proporciona o desenvolvimento social, cultural e a troca de experiências.

- Concorda plenamente – 40

- Concorda na maior parte – 6
- Concorda pouco – 7
- Não concorda -0
- Não sabe – 0

10) Através da nossa organização desenvolvemos atividades de educação e promoção da saúde, como alimentação saudável, usos das plantas medicinais.

- Concorda plenamente – 41
- Concorda na maior parte – 6
- Concorda pouco – 4
- Não concorda – 0
- Não sabe – 2

11) O grupo realiza ações, apóia e auxilia nas atividades comunitárias que promovem melhorias na comunidade

- Concorda plenamente – 34
- Concorda na maior parte - 13
- Concorda pouco – 4
- Não concorda – 1
- Não sabe – 1

12) No grupo desenvolvemos uma compreensão crítica e global do meio ambiente que nos permite adotar ações de conservação da natureza e combate ao consumismo desenfreado

- Concorda plenamente - 30
- Concorda na maior parte – 14
- Concorda pouco - 5
- Não concorda – 1
- Não sabe – 3

ANEXO II – Modelo questionário, questões abertas, aplicado em todos os grupos e resumo dos dados.

1) O que a motivou a participar do grupo?
2) Ha quanto tempo participa?
3) Que atividades são realizadas?
4) Como são propostas as atividades?
5) Qual sua avaliação sobre os trabalhos realizados no grupo?
6) Que dificuldades têm apresentado?
7) Que sugestões para melhorar?

Questões abertas - resumo do questionário Geral aplicado com 57 mulheres, de todos os grupos de mulheres rurais do município.

São respostas que partiram delas, sendo que algumas mulheres colocaram mais do que uma idéia. As respostas estão agrupadas por opiniões aproximadas e semelhantes.

1) O que a motivou a participar do grupo?

- A busca da força e amizade das pessoas, fugir da depressão e solidão (19)
- Me sinto útil (1)
- A união do grupo na época (3)
- Vontade de aprender coisas novas (24)
- Crescimento pessoal, desenvolver a sociabilidade (6)
- Palestras (1)
- Cursos (3)
- Para ter integração social com a comunidade e região (11)
- Viagens e Encontros e reuniões mensais (8)
- Convite das amigas (7)
- Desenvolver na comunidade o poder do trabalho de grupo (7)
- Mais um incentivo /ajudar a comunidade (8)
- Não respondeu (1)

2) Ha quanto tempo participa?

- 1 ano (3)
- 2 anos (6)
- 3 anos (3)
- 4 anos (8)
- 5 anos (4)
- 6 anos (8)
- 7 anos (12)
- 8 anos (8)

- 9 anos (3)
- 20 anos (2)

3) Que atividades são realizadas?

- Artesanatos (46)
- Costura (3)
- Dicas de saúde, bem estar, remédios caseiros, chás e higiene (25)
- Culinária (25)
- Atividades com cultivo de frutíferas (1)
- Cuidados com meio ambiente (2)
- Cuidado com as águas (1)
- Trocas de experiências (1)
- Agroindústria caseira (4)
- Lazer, viagens, conversas (10)
- Palestras (11)
- Reciclagem (13)
- Cursos e práticas nas propriedades (14)
- Participação e Realização de eventos (6)
- Desafios /trabalhos voluntários e em melhorias da comunidade (6)
- Diversas (18)
- Reuniões (1)
- Muito poucas (1)

4) Como são propostas as atividades?

- São colocadas idéias de todas, decidido e realizado conjuntamente (21)
- Com clareza (2)
- Algumas idéias são sugeridas pela extensionista e outras escolhidas pelo grupo (8)
- Boas atividades (5)
- A maioria escolhe a próxima atividade (5)
- Planejamento pelo grupo (12)
- Em reuniões junto com a extensionista (9)
- Sempre ao contrário (1)
- Não respondeu (2)

5) Qual sua avaliação sobre os trabalhos realizados?

- Muito bom, aprendemos a valorizar o trabalho de grupo (12)
- É muito positivo (34)
- União das mulheres, amizade, integração, que antes não acontecia (6)
- Há sempre esforço em aprender (2)
- Quase todas bem desenvolvidas, pois são escolhidas pelo grupo (7)
- Trazem conhecimento (8)
- Muito aproveitamento para nós e para os outros (7)
- Podem gerar renda (2)
- Poderia melhorar, mais união com tarefas propostas (4)
- Bom, mas deveria informar sobre projetos e programas de desenvolvimento para o campo (1)
- Fracos (2)

- Muita conversa (1)

6) Que dificuldades têm apresentado?

- Tomar e decisões e cumpri-las (1)
- Grupo muito heterogêneo (1)
- Nos encontros autônomos, poucas participam (1)
- Poucos encontros e pouco tempo (7)
- Pouca participação, acomodação desinteresse (12)
- Poucos recursos financeiros (2)
- Quando temos dificuldade de entender, ou pouca noção (2)
- Quando realizamos uma determinada tarefa não interessante a todas (2)
- Falta democracia entre grupo (5)
- Não há troca de diretoria (1)
- De relacionamento entre participantes (7)
- Falta de união e confiança (6)
- Distância das propriedades das componentes do grupo e precariedade das estradas (7)
- Falta de atividades e conversa (1)
- Algumas vezes é impossível participar (1)
- Desmotivação por parte das mulheres e por parte dos extensionistas (2)
- Poucas dificuldades (2)
- Não vejo dificuldade (11)
- As reuniões duram pouco tempo (1)
- Não respondeu (4)

7) Que sugestões para melhorar?

- Mais participação e assiduidade das mulheres (11)
- Mais união e confiança (10)
- Todos devem ter direito de opinar (2)
- Encontros mais freqüentes (4)
- Mais organização (3)
- Mais diálogo (5)
- Mais companheirismo (1)
- Troca de diretoria mais frequente (1)
- Mais incentivos e informação (3)
- Ter mais disponibilidade e abnegação entre o grupo (4)
- Melhorar as estradas (2)
- Maior envolvimento comunitário (3)
- Novos tipos de trabalho (6)
- Mais cursos, aperfeiçoamento para agregar renda (8)
- Mais palestras, também com outras pessoas (2)
- Mostrar como deve funcionar um grupo para ser bom (1)
- Usar outros métodos, criatividade e motivação (4)
- Parceria com mais entidades do lugar/ apoios do poder público (3)
- Fornecer certificados de conclusão de cursos realizados (1)
- Tudo continuar assim (6)
- Não sei (2)
- Não respondeu (1)

ANEXO III - Entrevista com 3 integrantes do Grupo de Mulheres Raios de Sol de Colônia Itagiba

Entrevistadas que nas respostas são identificadas pelas letras a, b e c respectivamente.

a) Leane Heinz, 49 anos, agricultora

b) Melita K. Sperb, 58 anos, agricultora, aposentada

c) Janice Sperb, 25 anos, agente comunitária de saúde

Conforme relato das integrantes do grupo, como organização elas iniciaram suas atividades no ano de 2004, caminhada que está completando sete anos. As três mulheres entrevistadas participam desde o início da formação do grupo. O nome do grupo é RAIOS DE SOL e tem 13 associadas.

1. Como foi organizado o grupo de mulheres?

Duas mulheres da comunidade foram assistir uma reunião de um grupo de mulheres, na comunidade vizinha de Boa Vista. Gostaram da proposta e combinaram com a extensionista para fazer uma reunião na localidade de Colônia Itagiba, para a qual elas se encarregariam de convidar as mulheres.

Na primeira reunião, realizada no ano de 2004, foi feita a exemplificação de alguns grupos, trocadas idéias sobre como poderia funcionar o grupo, pensados alguns objetivos e escolhida uma coordenação. A extensionista conduziu a reunião inicial e se despediu, pois fora transferida para outro município.

O grupo, porém, continuou se reunindo mensalmente, mesmo sem ser assistido sistematicamente, basicamente com objetivos de trocar experiências em técnicas de artesanato e participava de excursões e encontros organizados pela EMATER, com apoio dos técnicos locais.

No ano de 2006, o grupo começa a ser assessorado mensalmente por uma técnica de Bem Estar Social da EMATER. A partir daí, o grupo cria seu estatuto e regimento interno e passa a fazer um planejamento anual.

Por ocasião da participação do grupo no IV Encontro Municipal de Mulheres Rurais, em que elas participaram de uma dinâmica de “Problematização”, definiram como estratégia de ação para a sua comunidade, o Projeto: *“Lutar por mais vida na comunidade”*. A partir daí, se desenrolam diversas atividades e acontecimentos, que ano a ano trazem benefícios para o grupo e para a comunidade.

2. Quem dá apoio ao grupo?

- a) EMATER e Comunidade Católica
- b) A comunidade católica, EMATER e as próprias mulheres apóiam umas as outras;
- c) EMATER e a comunidade católica, por que eles cedem o salão pra gente fazer as reuniões

3. Por que você acha que as mulheres participam? O que elas dizem?

- a) Por que são unidas e gostam... mas só que é pouco tempo...meio dia por mês...elas gostam muito das amigas.
- b) É um tipo de lazer, de se divertir e também para aprender.
- c) Acho que as mulheres começaram a participar interessadas em algo diferente que as tirasse das suas atividades de rotina pelo menos uma vez ao mês, para aprender coisas novas e diferentes e também conversar com pessoas que não são do seu convívio rotineiro. Aprendendo uns com os outros. Dizem que é divertido e bom os encontros, pois é uma tarde diferente.

4. O grupo realiza atividades que contribuem para a formação do trabalho coletivo? Como?

- a) Quando nós fizemos a faxina da Igreja, do pátio, os pacote de Páscoa, os doce que fizemos pras crianças da Casa Lar, os Bingo, as festa, o almoço...
- b) É, a maioria das coisas é em conjunto, como exemplo, sabão, remédio caseiro; festas para a comunidade, todas ajudaram a trabalhar nas festa, todas doaram as coisa pra fazê os bolo, cuca, salada.
- c) Sim. Organizamos almoços, bingos e para que isso se realize precisamos aprender a trabalhar em equipe para o bem comum.

5. O grupo realiza atividade que geram renda para o grupo?

Quais?

- a) As mensalidade e os bingo.

- b) Só dois Bingos, o restante dos lucros de festas foi tudo doado pra construção do salão novo.
- c) Organizamos Bingos, almoços, rifas, nem sempre gerando renda somente para o grupo, mas também para a comunidade.

6. Qual é a finalidade dos recursos financeiros do grupo?

- a) Passeios.
- b) Pra pagá os custos de atividades do grupo e viagens.
- c) Usamos para passeios.

7. Desde que existe o grupo na sua localidade, aconteceu alguma mudança na comunidade? O que? Por que?

- a) Aconteceu, a construção do salão novo. As pessoas se animaram mais pra fazê alguma coisa.
- b) Mudou bem bastante.... como tava tudo meio parado antes...fazia 17 anos que eles não fazia mais a Festa do kerb da comunidade. A gente ajuda eles (a comissão da capela católica da comunidade) e eles nos ajudam.
- c) Sim. As pessoas passaram a se empenhar em aprender coisas diferentes além de suas atividades rurais.

8. Como a organização do grupo contribui para a valorização das mulheres?

- a) Os encontros de mulheres de todo ano, as reuniões mensais... e por que a gente tem apoios.
- b) Eu acho... as reuniões, os passeios, os encontros...pelo menos eu me sinto muito melhor.
- c) As mulheres se sentem mais valorizadas já por ser um grupo de “mulheres” e elas vêem que são capazes de fazer muitas coisas que até então elas achavam que não poderiam fazer.

9. Hoje, você vê alguma diferença nas relações entre os moradores da localidade, comparando com o tempo em que não existia o grupo? O que mudou? Por que?

- a) A gente se visita mais agora do que antes...

- b) A gente não tinha muito contato com as pessoas daqui... não se comunicava muito...a gente mal se cumprimentava. A gente tinha outra religião... (Evangélica Luterana). Agora, depois que começou o grupo, a gente se comunica mais, se visita mais, tem mais integração.
- c) Sim. As pessoas passaram a se conversar mais, ter mais amizade umas com as outras por que antes, apesar de se conhecerem, as pessoas como não tinham contato por morar longe umas das outras, nem se falavam.

10. Na sua opinião, qual é a importância do grupo para o desenvolvimento da comunidade?

- a) O grupo incentiva a comunidade... hoje tudo tá mais movimentado na comunidade.
- b) Eu acho que na construção da casa, sim, o pavilhão novo.
- c) O grupo nos incentiva a criar várias ações tanto em favor de nós mesmas quanto em favor da comunidade, pois se não fossemos um grupo muitas coisas não teriam acontecido. O grupo nos mostra que devemos aprender a conviver e trabalhar unidos.

ANEXO IV - Entrevista com extensionista

1. Entrevistado: Luiz Gonzaga Pereira Messias

2. Idade: 60 anos

3. Formação: Engenheiro Agrônomo

4. Quanto tempo atua na extensão rural? E neste município? 35 anos

5. Realiza trabalho de extensão com grupos de mulheres? Por que?

Sim. É o trabalho de extensão rural e os grupos de mulheres fazem parte do nosso público.

6. Que percepção sobre o trabalho realizado com mulheres?

As mulheres representam uma força expressiva na produção agropecuária do município e em termos de organização superam os homens.

7. Que dificuldades têm apresentado?

As distâncias das comunidades rurais com a sede do município.

8. Que recursos têm utilizado?

Encontros, reuniões, demonstrações de método, visitas e contatos.

9. Que sugestões para melhorar?

Organizar ainda mais as comunidades rurais, dando maior ênfase à participação das famílias e em especial as mulheres na organização e desenvolvimento das atividades.